

## MEMORIAL

Maria Virginia Filomena Cremasco

### 2020: UM ANO PARA NÃO SE ESQUECER

Protesto

(...)  
Irmão sou eu quem grita  
Eu tenho fortes razões  
Irmão sou eu quem grita  
Tenho mais necessidade  
De gritar que de respirar  
Mas irmão fica sabendo  
Piedade não é o que eu quero  
Piedade não me interessa  
Os fracos pedem piedade  
Eu quero coisa melhor  
Eu não quero mais viver  
No porão da sociedade  
Não quero ser marginal  
Quero entrar em toda parte  
Quero ser bem recebido  
Basta de humilhações  
Minh'alma já está cansada  
Eu quero o sol que é de todos  
Ou alcanço tudo o que eu quero  
Ou gritarei a noite inteira  
Como gritam os vulcões  
Como gritam os vendavais  
Como grita o mar  
E nem a morte terá força  
Para me fazer calar.  
(Assumpção, 1988)

2020 um ano para se lembrar. Num país sem memória! Um ano em que choramos pelos invisíveis que se tornam números; numerosos diante da cegueira do poder público que, em prol de uma economia que se dizendo 'liberal', tomou o lado mais perverso de exploração dos já miseráveis, governando pela necropolítica explicitamente verbalizada pelo "e daí?" de um governante que, acirrando polaridades destrutivas do laço social, diz não ser 'coveiro' ao ser indagado sobre as mortes do país que governa e sobre os enlutados que choram suas faltas... Após 18 anos de defesa de doutorado e 18 anos de docência na UFPR, com 50 anos de idade, essa 'maioridade' simbólica chega em meio à pandemia mundial do coronavírus SARS-CoV-2 e a vivência do que considero ser surreal em um país desgovernado em que, em meio a maior ameaça sanitária já vista deste século, ficamos sem Ministro de Saúde há meses. Sem programa governamental, sem coesão de resistência a tudo isso e ameaçados em tudo que tanto lutamos por direitos igualitários. Nunca o ensino e a pesquisa foram tão atacados, desacreditados. A ciência neste discurso conservador, de produtora de respostas torna-se ameaçadora e as crenças e interesses fundamentados em interesses pessoais, ganha cada vez mais terreno.

Lá fora o vírus invisível ameaça a todos. Não democraticamente, pois os corpos "mais baratos" (Seu Jorge, 2002) do mercado, são também os mais vulneráveis à contaminação e os que mais

sofrem quando adoecem, pelo mesmo motivo: a falta de acesso igualitário ao cuidado e à saúde. Mas, enquanto o invisível de fora nos distancia fisicamente de outros corpos, meu invisível de dentro nesse momento também é convocado a compor minhas memórias acadêmicas.

Um Memorial: termo tão poético, polissêmico e atual para nos referirmos também à memória de tantas vidas que se foram e ainda irão, nesta pandemia. A crise sanitária impede os rituais fúnebres, enterra no Brasil milhares de corpos que nunca terão seus memoriais. Restarão apenas nas memórias doloridas dos enlutados que os amavam. Mortos que, naturalizados como cadáveres, passam a ser números: nos últimos meses tivemos uma média de mais de mil mortes por dia! Impensável para mim escrever um Memorial fora deste contexto, sem a inconformidade sobre os destinos políticos de nosso país nesse ano que diretamente impacta tantas vidas e seus destinos precocemente mortificados : para quem se foi, para quem fica. Preciso deixar registrado que no ano deste meu Memorial, muitas dores ecoam mundialmente desta pandemia e muitas dores ecoam da falta de políticas públicas e cuidado às pessoas em nosso país. "Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época." (Lacan, Escritos, 1998, p. 321)

Na tecitura desse texto, meu isolamento físico ultrapassa os 4 meses. O trabalho remoto e suas inovações tecnológicas tomaram uma dimensão impensável anteriormente em minha vida. Passei a usar expressões jocosas como: haverá vida após as *lives*? Temos hoje que considerar a associação *live* e não a livre... mas sei que as uso mais por desespero do que piada. Junto vem um cansaço e esgotamento também nunca vividos. Todos os contatos e trabalhos sendo mediatizados virtualmente, quando se fica de 8 a 10 horas ou mais, por dia, em frente ao computador, acabam por roubar uma energia que não se tinha conhecimento de como isso opera no corpo humano. E eu passei a sentir esse peso junto à incerteza e a esperança de poder reencontrar menos virtualmente as pessoas. Como nos salva Guimarães Rosa, falando dessa solidão que é própria à existência: "Eu estou só. O gato está só. As árvores estão sós. Mas não o só da solidão: o só da solistência." (Rosa, 2009, p. 88). Estamos todos sós nessa existência, isso é fato, mas nesse momento é a vida cotidiana e desregrada que nos ameaça, interna e externamente.

Situando assim o contexto no qual esse Memorial é escrito, tento lhe dar o tom que me parece ser o único possível para mim, no qual a psicanálise orienta meu pensar sobre o mundo, na qual o longo processo de passar por uma análise transformou não só minha vida, com suas escolhas, mas minha prática profissional: como professora, extensionista e pesquisadora. Nesse momento torna-me necessário também dizer que este texto se inicia na mesma semana em que minha analista faleceu, 29 de junho, uma semana após um primo querido se ir, dia 22 de junho, e eu já estar submersa, e isso não é sem consequências, visto que o luto e a orfandade de escuta me remetem diretamente ao modo como superlativamente administro minha dedicação e tempo ao trabalho e que sempre foram temas de sessão.

Nesse momento tenho que dizer de uma salvação, uma descoberta que fiz começo do ano passado, após receber um diagnóstico e, pouco tempo depois, passar por uma separação. Ambas perdas, juntas, pareciam levar tudo de mim, do que eu considerava como sendo 'meu': surgem palavras de um modo completamente novo que ressoaram e deram corpo ao meu sofrimento.

Quando o céu cair

(...)  
por hoje  
o jeito é continuar  
dando potência  
para juntos continuarmos  
na potência dos dois dedos  
ou seja  
dando verso à prosa  
da vida  
(Magalhães, 2018)

A poesia chega como as forças vulcânicas, lançam-me para fora de um estado de submersão que, lá entrando em tamanha dor, não mais me movia, em mim nada se movia. Das coisas bonitas que acontecem em épocas inóspitas, chega a mim, como presente, laços, abraços e palavras amigas (a quem serei eternamente grata) e também, com a quarentena, novos enlaces por identificação na luta dos lutos que nos atravessam. Tenho que citar aqui um grande poeta que conheci nesta época, que o conheço somente pela virtualidade mas que nutro grande afeto: Alberto Pucheu. Alguém que me trouxe outros nomes valiosos na poesia brasileira/indígena (Carlos de Assumpção, Danielle Magalhães, Tatiana Pequeno, Marcelo Diniz, Cícero Rodrigues, Graça Graúna, Eliane Potiguara, Marcia Wayna Kambeba, entre outros). Pucheu foi quem na morte de meu primo, em 22 de junho, a ele recorri agradecendo o poema-oração 'É preciso aprender a ficar submerso' que vou lhes citar aqui. Naquele dia, ele, generosamente, me devolveu uma versão lusófona maravilhosa desse poema, para eu ouvir e começar aquela manhã curitibana de minha vida:

É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo. É preciso aprender. Há dias de sol por cima da prancha, há outros, em que tudo é caixote, vaca, caldo. É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo, é preciso aprender a persistir, a não desistir, é preciso, é preciso aprender a ficar submerso, é preciso aprender a ficar lá embaixo, no círculo sem luz, no furacão de água que o arremessa ainda mais para baixo, onde estão os desafiadores dos limites humanos. É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo, a persistir, a não desistir, a não achar que o pulmão vai estourar, a não achar que o estômago vai estourar, que as veias salgadas como charque vão estourar, que um coral vai estourar os miolos – os seus miolos –, que você nunca mais verá o sol por cima da água. É preciso aprender a ficar submerso, a não falar, a não gritar, a não querer gritar quando a areia cuspir navalhas em seu rosto, quando a rocha soltar britadeiras em sua cabeça, quando seu corpo se retorcer feito meia em máquina de lavar, é preciso ser duro, é preciso aguentar, é preciso persistir, é preciso não desistir. É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo, é preciso aprender a aguentar, é preciso aguentar esperar, é preciso aguentar esperar até se esquecer do tempo, até se esquecer do que se espera, até se esquecer da espera, é preciso aguentar ficar submerso até se esquecer de que está aguentando, é preciso aguentar ficar submerso até que o voluntarioso vulcão de água arremesse você de volta para fora dele. (Pucheu, 2013, pp. 9-10)

Escrever essas palavras é para mim, também, nessa travessia de perdas e lutos, meu e do coletivo, uma forma de organizar o que vale dizer e de como fazê-lo. Luta e luto, eu de luto, luto... palavras que se unem em mim numa espécie de oxímoro clamando por representação. Valho-me aqui, com a ajuda de um amigo querido para esta lembrança, de Pablo Neruda que

com 'A Palavra' em sua biografia Confesso que Vivi - Memórias, socorre-me na tentativa de dizê-las:

... Sim Senhor, tudo o que queira, mas são as palavras as que cantam, as que sobem e baixam ... Prosterno-me diante delas... Amo-as, uno-me a elas, persigo-as, mordo-as, derreto-as ... Amo tanto as palavras ... As inesperadas ... As que avidamente a gente espera, espreita até que de repente caem ... Vocábulo amados ... Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal, orvalho ... Persigo algumas palavras ... São tão belas que quero colocá-las todas em meu poema ... Agarro-as no vôo, quando vão zumbindo, e capturo-as, limpo-as, aparo-as, preparo-me diante do prato, sinto-as cristalinas, vibrantes, ebúrneas, vegetais, oleosas, como frutas, como algas, como ágatas, como azeitonas ... E então as revolvo, agito-as, bebo-as, sugo-as, trituro-as, adorno-as, liberto-as ... Deixo-as como estalactites em meu poema; como pedacinhos de madeira polida, como carvão, como restos de naufrágio, presentes da onda ... Tudo está na palavra ... Uma idéia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que a obedeceu ... Têm sombra, transparência, peso, plumas, pêlos, têm tudo o que, se lhes foi agregando de tanto vagar pelo rio, de tanto transmigrar de pátria, de tanto ser raízes ... São antiqüíssimas e recentíssimas(...) (Neruda, 1978, p. 51)

Essas palavras compõem essas memórias, "antiguíssimas e recentíssimas", essa temporalidade que, sendo feita de intensidades, faz dos fatos vividos, as lembranças.

#### **O PERCURSO PARA LEMBRAR**

"Não quero constranger-me a nada na redação das minhas memórias. Não instaurei nelas uma ordem nem um sistema. Anotarei tudo o que me vier à lembrança". (Dostoiévski, 1864/2009, p. 31)

O método desta escrita assim se revela como algo profundamente subjetivo, em primeira pessoa, no qual meu lugar de fala ao analisar meu percurso de formação e produção acadêmicas e o que extraio é algo muito mais literário do que informativo. Proponho-me assim a descrever o que é, sobretudo, minha própria ficção pessoal sobre o que me faz sentido desvelar, em detrimento do que exatamente os produtos acadêmicos podem dizer ou o que se pode ver de minha vida profissional. Olhar para meu curriculum lattes com o que lá consegui preencher, pois sabemos o quanto do que fazemos não registramos a tempo de se esvaír da memória e que ficam portanto fora desse registro, de algum modo fala dos temas de minhas sessões de análise, fala de uma produção que me tomou muitas horas de vida, disso que eu vivo. Isso, muito voltada ao trabalho. No entanto, a educa(dor)a em mim se formou por muitas outras vias, pouco quantificáveis pelos produtos verificáveis. Penso em minha imagem diante de um Tribunal: se eu prometo dizer a verdade? Nem prometo, nem a verdade, mas direi...

A imagem do que considero dizer é tal qual o iceberg (Freud, Metapsicologia, 1915/1993) descrito pela psicanálise como sendo a vida psíquica que em sua maior parte é inconsciente e invizível, essa imagem possivelmente melhor descreveria as motivações e determinações daquilo que culminou em minha produção acadêmica e minha lógica narrativa do que aqui irei expor sobre ela. Como Freud (1915, p.5) mesmo nos esclareceu, "para colocar um fim em todos os mal entendidos", de agora em diante (d)escreverei o que produzi, levando em conta o próprio método psicanalítico, sem levar em consideração se consciente ou inconsciente, mas a

relação dos feitos “com as pulsões e aspirações, através de sua composição (montagem, formação de palavras = *Zusammensetzung*), filiação (pertinência) na classificação de uns em relação aos outros e na ligação que possam trazer”. Meu lugar de fala parte, portanto, de uma certa liberdade em ligar e associar os sentidos do que se produziu como minha história acadêmica.

A entrevista que concedi a José Nunes no início deste ano de 2020 para o *site* ‘como eu escrevo’, talvez revele melhor como minha produção intelectual parte desse vivido, pouco quantificável que digo acima: ‘Minhas ideias vêm de tudo o que vivo, sobretudo, de tudo o que aprendi do que vivi. Intensidade é algo que sempre esteve muito presente em minha vida, tê-la interessante também. A partir da intensidade do que se fez e se faz interessante para mim, construo minha bibliografia interna e externa. Tudo o que leio conflui para isso que internamente se articula às minhas vivências e por fim, a uma cadeia cada vez mais complexa sobre meus questionamentos sobre viver e morrer. Minha criatividade vem dessa insistência em ter uma vida interessante: que interesse a mim, vivê-la’. (Nunes, 2020). O que melhor expressa a forma como produzo, é o que diz Rodrigo S. M. em *A Hora da Estrela*: “Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo”. (Lispector, *A Hora da Estrela*, 1984, p. 22). Como disse em entrevista Juliano Garcia Pessanha sobre Slorterdjik, admira os que conseguem dizer do mundo como ele é e não sobre sua própria singularidade, referindo-se à sua escrita como visceral, idiota e singular: sinto-me exatamente assim, dizendo desde meu lugar, visceralmente determinado por minhas emoções. (Pessanha & Pinto, *Segundas Intenções*, 2019)

E falo em criatividade porque acredito que há muito que se inventar para aprender conseguir transmitir algo, ensinar, pesquisar, escrever, para que no ‘sem fim’, se aprenda de novo. E essa invenção permanente de mim mesma se reflete em minha produção acadêmica e foi por isso que naquela mesma entrevista acima à Nunes, eu falo de como me sinto frente aos projetos longos: ‘Gosto de projetos longos, que me façam refletir por longo tempo, mas me dá certo medo pensar em ter que escrevê-los ao final, pois sei que as mudanças teóricas em mim são muito dinâmicas e acontecem em fases e quando retorno aos textos mais antigos, por exemplo, muitas vezes nem me reconheço, apesar de poder, algumas vezes, apreciá-los. Projetos longos de escrita requerem uma estabilidade de crenças que talvez me falte, mas também sei que essa dinamicidade, ao ser incorporada ao texto, o que lhe dá grande trabalho de coerência, pode enriquecê-lo ainda mais, haja vista a obra de Freud ou Lacan, por exemplo’. (Nunes, 2020).

Ao expor assim o método de escrita que me proponho neste Memorial quero deixar explícito o quanto ele será anacrônico e até mesmo desconexo, não comprometido com o exegético mas talvez um pouco com o hermenêutico, pois é o reflexo do vivido conforme seus sentidos e não necessariamente, sua lógica. Ou, para ser mais exata, da lógica do desejo e do que se fez intensidade como verdade daquele momento em que algo se produziu. Não faço isso sem certo embaraço que me remete a quando terminei o último capítulo da tese de Doutorado em 2002 e a enviei ao meu orientador. Na hora me lembro de lhe ligar e lhe dizer que estava com muita vergonha: a sensação era de que eu tinha me desvelado toda naquele texto, que depois seria meu primeiro livro (Cremasco Grassi, 2004). A fantasia, de ares paranóicos, era de que todos saberiam coisas de mim que não tinha certeza se as queria revelar. Lembro-me de ele rir e me acalmar, como sempre fazia. ‘É assim mesmo’, me disse. E “é assim mesmo”, pois concordo com Heidegger que quando falo ou escrevo, expresso o que é próprio de meu existir humano. No entanto, não necessariamente haverá escuta do que no discurso a pre-sença se

pronuncia (Heidegger, 2005, pp. 218-226). E era justamente a suposição de que sempre haveria o alcance pelo outro de toda 'abertura de meu ser-em' ao escrever, que minha fantasia de total desvelamento, tinha certo ar paranóico que foi aos poucos se dissipando junto ao narcisismo próprio aos que escrevem e que procuram algum reconhecimento 'intersubjetivo e social' (Honeth, 2006) . Continuar escrevendo talvez tenha tido uma função de '(pro)cura' desse narcisismo individual para encontrá-lo com mais leveza numa autorrealização social.

## A FOME QUE (M)ATA NO ATO

A(l)mar  
Alg'uma cousa  
Espreita a escusa  
P'ra se lançar,  
Alg'outra cousa  
É só recusa  
Em si repousa  
Ensimesmar.  
(Hoshino, 2020, p. 55)

Depois da defesa do doutorado e da publicação de meu primeiro livro me acalmei um tanto quanto ao que revelamos de nós ao escrever, quanto ao que os outros vão entender do que achamos que quisemos dizer. Talvez eu tenha ficado mais complacente com meus ideais sobre como quero ser vista ou mesmo avaliada, e também menos nervosa com as situações de exposição, embora nunca me sinta totalmente confortável nesse lugar e prefira a introversão, que é onde me abasteço: "daquilo que os outros não sabem sobre mim, disso eu vivo." (Handke, 1988, p. 336). A introversão me faz ponte para pensar no início de minha trajetória universitária e me lembro de meu pai em 1986 me perguntando, no escritório de casa, o que eu iria prestar no vestibular. Ao lhe responder que estava em dúvida entre Psicologia, Filosofia ou Teologia, a única coisa que me lembro é que ele me disse algo como: pode escolher qualquer um desses, 'você irá passar fome de qualquer modo' (referindo-se às minhas possíveis escolhas profissionais). Hoje não sei dizer se estava sendo irônico ou cirúrgico, ou os dois. Digo isso pois sei que serei para sempre faminta de algo que em mim pulsa pelo saber e não cessa de querer me reinventar. Lembro-me nesse momento da última frase do poema 'Tempo' de Adélia Prado: 'quero a fome', e o cito por inteiro por amá-lo desde lê-lo, aos vinte ou aos cinquenta anos, e não sem associação com a obra de Heidegger, já citada acima, Ser e Tempo, sobre o desvelamento do ser ao se falar:

A mim que desde a infância venho vindo,  
como se o meu destino,  
fosse o exato destino de uma estrela,  
apelam incríveis coisas:  
pintar as unhas, descobrir a nuca,  
piscar os olhos, beber.  
Tomo o nome de Deus num vão.  
Descobri que a seu tempo  
vão me chorar e esquecer.  
Vinte anos mais vinte é o que tenho,  
mulher ocidental que se fosse homem,  
amaria chamar-se Fliud Jonathan.  
Neste exato momento do dia vinte de julho,  
de mil novecentos e setenta e seis,

o céu é bruma, está frio, estou feia,  
acabo de receber um beijo pelo correio.  
Quarenta anos: não quero faca nem queijo.  
Quero a fome.  
(Prado, O Coração Disparado, 2012, p. 18)

Até a inscrição para o vestibular pude perceber que Teologia e Filosofia eram fomes e paixões que nunca abandonaria mas que eu poderia saciá-las como aqueles desejos secretos que nos entregamos quando ninguém vê, nas minhas leituras e buscas inconfessáveis, que muitas vezes me faziam adormecer. Inconfessáveis porque não ousava confessar tal paixão publicamente aos colegas de época, olhavam-me estranhamente quando tímida tentava. No entanto, as religiões sempre me fascinaram, nunca pude compreendê-las racionalmente e talvez por isso tanto me sentia atraída pelos seus mistérios e as estudava tanto. Isso fez com que muito nova, aos 11 anos, eu começasse a frequentar os retiros de fim de semana de uma comunidade terapêutica católica, a Fazenda do Senhor Jesus, conduzida pelo Padre jesuíta Haroldo Rahm, missionário americano referência internacional no acolhimento de dependentes químicos que morreu em novembro do ano passado aos 100 anos. Grande apreço nutri por esse ser, chorei ao saber de sua morte ano passado, eu que já estava tão marcada de perdas.

Nesses retiros eu pude aprender muito sobre a dependência química mas, sobretudo, pelo contato direto com o Padre Haroldo e um de seus voluntários, o Sr Divino: aprendi que a dependência química é secundária à valorização das pessoas, são elas que importam e é para elas que devemos dar nossa atenção, quando queremos oferecer cuidado. E só se cuida de quem quer ser cuidado, então a questão é como despertar o querer cuidar de si. Há 40 anos eu aprendia o que é mais importante no trabalho com as toxicomanias, que desenvolvo até hoje, como pesquisa e extensão na UFPR.

O lema do Padre Haroldo era “é preciso viver a vida com alegria” e essa alegria eu vivia aos finais de semana na fazenda, dando aulas de terço aqueles jovens (meus estudos bíblicos me fizeram muito nova ensina(dor)ja dos mistérios do terço (gozosos, dolorosos e gloriosos – incrível como esses significantes depois fariam tanto sentido no meu processo analítico), cantando e dançando com todos daquela comunidade. Os dogmas ou restrições religiosos poucam falavam ali dentro, pelo menos para mim que focava que o importante era termos um porque viver e, sobretudo, viver com alegria, como Padre Haroldo sempre nos dizia. Frequentei essa comunidade até os 15 anos quando comecei a me interessar pelas espiritualidades indianas, entre outras, e ler a obra de Jiddu Krishnamurti que, desde a década de 1930, dizia que a humanidade precisava de uma mudança radical no sentido de andarmos pela Terra sem nos destruir e sem destrutir ao meio ambiente. Nesse momento eu já era muito ligada a muitas formas alternativas (para a época) de comer, meditar, estar no mundo: macrobiótica, veganismo, vegetarianismo, yoga, danças circulares, biodança e todas que me pareciam fazer resistência ou questionar o modo capitalista de realização pessoal.

Minha ancestralidade indígena, possivelmente Guarani ou Kaingang (povos que viviam no interior de São Paulo) e que poucas e raras vezes era personificada na frase “sua bisavó índia foi pega a laço” e que tão pouco dela se sabia, talvez pela violência subjacente, camuflada e romantizada nos significantes “pega” e “laço”, para mim de alguma forma ressoava em minha responsabilidade com a biodiversidade, com o meio ambiente, com o cuidado do corpo enquanto não separado do mundo. O ‘dentro’ e o ‘fora’ são inseparáveis na tradição ameríndia e é o que expressa a fala de Davi Kopenawa (Yanomami, 2020): “Por que está demorando tanto tempo para acreditar que se ferimos a natureza, ferimos a nós mesmos? Nós não estamos vendo o mundo de fora. Nós não estamos separados disso.” A cultura ameríndia

desde sempre já sabe algo que a pandemia mundial por um vírus, mortalmente está nos ensinando: somos únicos mas, como mundo, um organismo em conexão. O que acontece na China me afeta diretamente com ou sem conhecimento do que se trata a vida de um chinês. “Não estamos separados disso”: não vemos o mundo de fora, somos todos ‘o mundo’. Talvez só possamos sair dessa grande crise que já atinge todos os setores, quando algo nesse sentido do que é ‘bom’ para todos for levado mais em consideração, solidariedade?. Quando digo disso falo de 35 anos atrás e é com imensa tristeza que hoje vejo o cenário global mas, sobretudo brasileiro, da condição indígena. Minha admiração e reconhecimento pelos poetas indígenas é por sua luta também. Luta desde sempre por demarcação e preservação de seus territórios e da vida de seu povo dizimados pelo capital e agora, com a pandemia, estão à própria sorte, ameaçados de extinção pois sem acesso a cuidados de saúde.

Com esses mesmos questionamentos comecei também a fazer teatro, aos 15 anos, o que me ajudou com a timidez que me impedia muitas vezes de expressar-me abertamente. Nessa época, conheci mais de perto também a Umbanda, sua história, seus símbolos e suas músicas. Passei então a frequentar, a convite de um amigo, que conhecia meus interesses alternativos, um outro centro comunitário, hoje conhecido como Nazaré Uniluz: inspirado por Trigueirinho (cineasta brasileiro, pesquisador das filosofias perenes e líder espiritual), instalado às margens da represa Atibainha, em Nazaré Paulista/SP. O espaço foi criado com total independência de orientações religiosa, filosófica ou política e mantém como princípios, desde a sua fundação, a neutralidade, a simplicidade, a liberdade de dogmas e do sentido de propriedade. Neste espaço, que cheguei a ficar vivendo por alguns períodos mais longos, durante as férias escolares e depois universitárias, conheci Sara Marriot que na época era quem estava à frente daquela comunidade espiritual. Em uma conversa individual com ela (1987 ou 1988), na qual lhe digo de minha dúvida em permanecer como residente daquela comunidade ou seguir minha profissão, o que me lembro do que ela com sorriso e doçura me respondeu é algo como, ‘você terá muito mais a contribuir fora daqui, tem muita coisa te esperando’. No ano seguinte, Sara iria voltar aos Estados Unidos e depois falecer em 2000, aos 95 anos de idade. Nesta comunidade aprendi muito com o trabalho comunitário como serviço impessoal, também com os estudos solitários, as práticas meditativas realizadas em grupo, as atividades nas diferentes “salas de aula” (horta, cozinha, tecelagem, padaria, etc.) e o cuidado com a natureza que eram utilizados para promover a expansão da consciência e o autoconhecimento. Fiz uma bonita e longa amizade com Lúcio Abelha que na época morava no *Krishnamurti Centre* em Brockwood Park, no Reino Unido. Nas férias de meu pós-doutorado, pude visitá-lo e conhecer sua esposa, Renata Mellão, que moram em Los Angeles.

### **NO COMEÇO ERA O VERBO...**

Apofático à revelia

Nasci surpreendido e ferido por saudade absurda.  
Visitei vários mundos, mas, -qual um táxi!- fiquei  
Sem meu próprio.  
(Pessanha, Recusa no não-lugar, 2018, p. 70)

Ainda com relação àquela fome de saber e do desejo de tê-la, nessa época eu já tinha lido toda a Bíblia, o Novo Testamento e o Apocalipse muitas vezes. Na década de 1990 li os livros do Espiritismo, os hinduístas e alguns da Umbanda, passando pelos budistas. O Alcorão li após ter



visitado Os Emirados Árabes, mais recentemente após 2015. Neste ano de 2020 ganhei de uma grande amiga-irmã a 15ª edição da Bíblia, da CNBB.

Na introdução do Apocalipse de João desta 15ª edição, encontrei algo que foi ao encontro do que me seduzia nesses textos: “Assim, o ‘profeta’ apocalíptico, guiado pelo Espírito, vê em imagens, parecidas com as visões do sonho, aquilo que o olho humano não vê.” (Bíblia, 2018b, p. 1514). Essa frase reflete o que eu quis dizer com ter percebido, há 35 anos que a Teologia e a Filosofia poderiam ser meus guias de espírito para aquilo que eu nunca poderia ver... no entanto, a escolha por Psicologia como profissão, logo me faria também adentrar, com minha escolha pela psicanálise, nas “visões do sonho”, naquilo também que eu nunca poderia ver, a não ser pelos seus efeitos e, nesse caso, transformadores. Como a psicanálise (Freud, Conferência XXVIII – Terapia analítica, 1917/1980) nos alerta sobre as diferenças entre hipnotismo com suas sugestões e o trabalho analítico: um proíbe os sintomas fortalecendo repressões mas deixa inalterado os processos que levaram à formação dos sintomas e o outro faz seu impacto em direção às raízes, o que originou os sintomas.

Esse impacto cirúrgico da psicanálise em minha vida me fez também compreender melhor que o que mais me fazia mistério e era prenhe na minha leitura da Bíblia, era a dimensão daquilo que nos inaugura, a sexualidade humana que, não mais regulada pelos instintos, no *homo sapiens* adquire característica única, dos seres falantes na Terra – isso depois me faria ser pesquisadora do tema, até os anos de 2000 (o inconfessável notúrnico de meus gostos pela Teologia e Filosofia se uniam aqui com o que de dia eu demonstrava ser meu interesse apaixonado): tentar entender porque o pecado original, visto como uma queda, algo negativo, era sobretudo, obter conhecimento, estabelecendo as normas por conta própria: “Mas a serpente respondeu a mulher: ‘de modo algum morrereis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que comerdes da árvore, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal’. A mulher viu que seria bom comer da árvore, pois era atraente para os olhos e desejável para obter conhecimento”. (Bíblia, 2018b, p. 17).

Comer da árvore, metaforicamente, era tudo o que me parecia atraente e desejável para uma mulher de minha época, ávida por conhecimento e por estabelecer ‘minhas próprias normas’, como depois seria um lema feminista dos anos 2010: ‘meu corpo, minhas regras, minhas normas’. Posteriormente iria saber que há uma ilusão no fazer as ‘próprias’ normas, como se pudéssemos decidir, escolher isso, desvinculados do coletivo, de um social ao qual desde sempre nos molda e modula e, também, as ‘próprias’ normas e o ‘meu’ corpo, além de não existirem fora das relações sociais, são desde sempre conectados e afetam outros corpos, outras vidas. Aqui cabe também a reflexão do que eu considerava ser ‘meu’ até ano passado e que eu havia perdido. A atual pandemia é o real do que coloco aqui em palavras: as decisões sobre meu corpo, as regras que imponho a ele, diretamente afetam se serei ou não um veículo de contágio e ameaça à vida de outras pessoas.

Poderia indagar então qual liberdade falamos quando nos referimos idealmente ao desejo e à possibilidade de sermos livres, pois há uma complexidade de relações aí envolvidas. Ainda com relação a isso, como falamos de ‘nosso’, como propriedade racional e consciente desvinculado do outro quando o que atua em nós mesmos, muitas vezes, é o desconhecido, o ‘estranho’ familiar, como diria a psicanálise (Freud, O Estranho, 1919/1996). Um corpo que responde não só pelo que dele sei mas, sobretudo, ao que não desejo saber, à sua determinação humana *páthica* desde sempre. Talvez por essa avidez em saber (e isso me levava a muito perguntar), minha mãe costumava dizer pleonasticamente sobre minha

adolescência, que eu fui, de certa forma, “rebelde” e dizia com acento paulista nesse ‘e’ do meio, algo que tinha sonoridade de ‘reb-êu-di’. Mas, para além disso e talvez por causa desse “êu”, também a rebeldia era por tentar entender como o pecado do querer conhecer, passou a ser associado, na Idade Média, ao pecado do ato sexual (com ascetismo monástico e disciplina da penitência).

Como nos diz o poeta: “eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as origens da terra” (Barros, 2010, p. 461). Minhas origens ameríndias? Minhas origens como humana? Algo que iria depois ser melhor esclarecido para mim na Graduação e se desenvolveria melhor no Mestrado, na leitura de *Historia da Vida Privada* (Ariès & Duby, 1989) e na *História da Sexualidade* (Foucault, 1988). Obter conhecimento de si, do outro, sobre o que nos constitui, atrai, sobre o que desejamos e nos realiza: eis aí o grande pecado do humanismo moderno que descentraliza o divino como condutor de nossas ações e o coloca nas ‘origens da terra’, enquanto daquilo que a ciência passa a dizer sobre ela, com a modernidade. Sobre o que nos originou, desde a teoria do Bing Ban até o darwinismo, passando pelo heliocentrismo e a constatação de que a Terra é esférica. Esse humanismo moderno inaugura também os conceitos de indivíduo (racional e com vontade própria) e de privacidade.

Freud (1917) desloca o conceito moderno de homem como pleno de sua razão e conhecedor de si e fala de três grandes golpes que são desilusões da humanidade enquanto feridas narcísicas: a revolução científica de Copérnico que opôs o heliocentrismo ao geocentrismo bíblico e de Ptolomeu; a evolução das espécies com Darwin que coloca o homem como evoluindo do primata e não uma criação especial de Deus; por fim, o homem deixa de ser “senhor em sua própria casa”, referindo-se à dimensão inconsciente de nossos atos (Freud, *Uma Dificuldade da Psicanálise*, 1917/2010). Para Foucault (1988), a modernidade faz da sexualidade uma ciência sexual fundada na palavra que questiona o sujeito ao mesmo tempo que o produz em relação a um outro, esse que o funda como falante. A palavra de Deus em carne humana é a figura de Jesus, a que se torna existência na Bíblia em João (1, 14): “e a Palavra se fez carne e veio morar entre nós”, a que passa a ser, com o sujeito moderno, a palavra fundante do humano no laço social, que o insere nas regras em relação aos outros e lhe dá consciência e também o não saber de si.

Logo eu veria, portanto, que o sentido da vida é algo que foge à consciência ou à compreensão humana: “mesmo que todas as questões científicas possíveis fossem respondidas, nossos problemas de vida não terão sido sequer focados” (Wittgenstein, 2001, p. 6.52). As questões que fogem de nossa capacidade de compreensão se mostram: “isso se mostra; é o que é o místico” (p. 6.522) e ainda, não são suas dores ou dificuldades que lhe dão o direito de publicar um livro que interessa apenas a si e não necessariamente à humanidade, mas os meios que o autor encontra para lidar com elas. Penso que o que fiz até agora foi lhes dizer os meios que encontrei para lidar com o que em mim, desde muito nova, não se saciava, minha fome de saber que, depois de muito, torna-se-ia fome de saber viver. Hoje diria a meu pai que minhas buscas e minha escolha profissional me proporcionaram, de muitas formas, aprender a ‘viver com fome’ e não morrer dela, como era o fantasma de sua geração e das que o antecederam e marcaram para ele que a luta pela sobrevivência digna era a primeira a ser travada neste mundo. Interessante eu me lembrar também que minha outra avó, mãe de minha mãe, Ondina, sempre que encontrava as netas passava sua mão em volta de nossa barriga e quadril dizendo ‘está gordinha, está bem, bonita’. Ou ‘está bonita, mas muito magrinha’. Talvez fosse

a lógica de ter reservas para sobreviver o que fazia a beleza, sempre o fantasma da fome e da escassez pareciam permear o imaginário e o real de minhas ancestralidades.

## DO VERBO À (GRADU)AÇÃO

Nesse dia, pois, ele conheceu uma das raras formas de estabilidade: a estabilidade do desejo irrealizável. A estabilidade do ideal inatingível. Pela primeira vez, ele, que era um ser votado à moderação, pela primeira vez sentiu-se atraído pelo imoderado: atração pelo extremo impossível. Numa palavra, pelo impossível. E pela primeira vez teve então amor pela paixão. (Lispector, *Miopia progressiva*, 2020, p. 21)

Então a Psicologia pareceu-me naquela época a escolha mais centrada de todo descentramento interno que eu vivia aos 16 anos, quando prestei vestibular na Universidade de São Paulo no campus de Ribeirão Preto. Ir para Ribeirão também era minha rota de fuga para o que buscava, para minha independência geográfica da família e que eu achava, iria me possibilitar me dedicar integralmente aos estudos. Lembro-me na varanda de casa meu pai me dizendo que fazer faculdade fora seria minha chance de sair de casa, de buscar algo além, ‘navegar era preciso’<sup>1</sup>. Ele foi, também, meu grande encorajador ao dizer que eu conseguiria, que eu podia e que era o melhor que eu estava fazendo naquele momento de minha vida. Minha mãe ficara muito abalada com a ideia de eu, tão nova, morar em outra cidade: ela dizia que se tinham mudado para Campinas porque lá tinha Universidade e que os filhos não precisariam sair para estudar e eu, justamente, fui escolher fazer faculdade fora.

Sentia-me (i)migrante em terras próprias, como minha ancestralidade italiana vindo ao Brasil no começo do século XX, sem saber o que iriam encontrar e na esperança que em terras paulistas, fome não passariam – esse significante que atravessa minhas memórias mais recônditas. Minha nona Mariquinha, mãe de meu pai, vem na barriga de sua mãe para o Brasil nascer aqui, nos fins dos anos 1800. Com sotaque carregado da mistura de línguas que a fundariam, lembro-me dela me dizendo nos finais dos anos 1970, eu bem perto, agachada ao seu lado por causa de sua surdez, que eu era importante naquela família. Saber a minha importância, grande busca, grande achado...

Mudei-me para Ribeirão Preto em 1987 e aos finais de semana retornava à Campinas, onde meu coração pulsava por quem eu considerava, meu grande e primeiro amor. Das dificuldades com esse ao que seria meu primeiro marido, eu tinha a certeza na vida acadêmica de que queria ser pesquisadora. A única da sala que respondia isso ao ser perguntado para a turma no que queríamos trabalhar: eu queria ser professora universitária e pesquisadora, desde o início e isso nunca se alterou. Os outros amores, sim.

## DO VERBO QUE SE FEZ ATO... DO ATO A LIBRA DE CARNE QUE SE PERDE

Você precisa parar  
De procurar um porquê em algum momento  
Você precisa deixar quieto

---

<sup>1</sup> Lembro-me de um fragmento de uma música *Au café des délices* (1999): “ (...) *Tes souvenirs se voilent/ À l'avant du bateau/Et ce qui qui s'éloigne/Vers un monde nouveau/Une vie qui s'arrête/Pour un jour qui commence/C'est peut-être une chance*” (Suas memórias são veladas/Na frente do barco/E esse cais que se afasta/Rumo a um mundo novo/Uma vida que para/Por um dia que começa/Pode ser uma chance. Tradução livre). Compositores: Félix Gray, Patrick Bruel.

E ao final do curso eu estava casada e já tinha vivenciado, aos 21 anos, o que seria a primeira de minhas maiores dores na existência: a perda na gravidez daquela que receberia o nome de Sarah. Esse luto inaugurava para mim uma dor nunca antes vivida, saberia depois que inaugurava também em mim a possibilidade de hoje poder trabalhar com luto e prevenção ao suicídio, temas atuais de pesquisa e extensão junto às toxicomanias. Passar por essa inauguração lutuosa teve seus reflexos na travessia de perdas do ano passado, de alguma forma eu sabia navegar em mares tão tortuosos, precisei acionar esse saber que me parecia submerso. Para Sarah, como memória, deixo aqui o Poema de Adélia Prado 'Esperando Sarinha', que desde que o li, chorei como mãe e dancei como criança numa tarde linda de passeio:

Sarah é uma linda menina ainda mal-acordada.  
Suas pétalas mais sedosas estão ainda fechadas,  
dormindo de bom dormir.  
Quando Sarinha acordar,  
vai pedir leite na xícara de porcelana pintada,  
vai querer mel aos golinhos em colherinha de prata,  
duas horas vai gastar fazendo trança e castelos.  
Estou fazendo um vestido,  
uma tarde linda e um chapéu,  
pra passear com Sarinha,  
quando Sarinha acordar.  
(Prado, Esperando Sarinha, 2002, p. 154)

A dor desta perda, estancou por exatos 12 meses toda minha fome de vida e fez com que eu pela primeira vez, adentrasse o real de um vazio que eu apenas o conhecia metaforicamente, colocando-me diante de um abismo. Fez com que eu mergulhasse em um processo psicoterapêutico que, sem poder me ajudar me conduziu, logo em seguida, a um processo analítico que empreendo até os dias atuais.

O poema de Szyborska é o que melhor retrata esse processo no qual meu morrer se deu o tanto necessário para regenerar a parte que restou e essa parte, inicialmente mortificada, fez-me conhecer o eu não-toda e permitir que o abismo me circundasse – das palavras de Sara (Marriot) sobre eu ter muita coisa me esperando na vida à espera de Sarah que não chegou, deixo aqui as palavras como poesia de morte-vida. A poesia, essa que voluntariosamente me lançou da submersão em 2019:

Em perigo, a holotúria se divide em duas:  
com uma metade se entrega à voracidade do mundo,  
com a outra foge.  
Desintegra-se violentamente em ruína e salvação,  
em multa e prêmio, no que foi e no que será.  
No meio do corpo da holotúria se abre um abismo  
com duas margens subitamente estranhas.  
Em uma margem a morte, na outra a vida.  
Aqui o desespero, lá o alento.  
Se existe uma balança, os pratos não oscilam.  
Se existe justiça, é esta.  
Morrer só o necessário, sem exceder a medida.  
Regenerar quanto for preciso da parte que restou.  
Também nós, é verdade, sabemos nos dividir.  
Mas somente em corpo e sussurro interrompido.

Em corpo e poesia.  
De um lado a garganta, do outro o riso,  
leve, logo sufocado.  
Aqui o coração pesado, lá *non omnis moriar*,  
três palavrinhas apenas como três penas em voo.  
O abismo não nos divide.  
O abismo nos circunda.  
(Szyborska)

Para ilustrar o trabalho necessário do luto diante de perda tão significativa, cito Allouch (2004), ele mesmo um pai que perde uma filha e que, no meu avaliar, escreve um livro muito importante sobre como o luto se trata de um ato sacrificial gracioso, consagrando a perda ao suplementá-la com um pequeno pedaço de si:

*“My heart is in the coffin there with Cesar”,* proclama publicamente Antonio de Shakespeare. A versão do luto aqui proposta se mantém entre duas leituras possíveis dessa frase. Leitura um: “sofro por meu coração estar nesse ataúde; ele não está em seu lugar por me ter sido eplá morte arrancado”, eis o enlutado; leitura dois: “pois está ali sim, e vou abandoná-lo nesse lugar que, agora concordo, é de fato o dele”, eis o gracioso sacrífico do luto, eis o fim do luto. Pois um luto, como uma psicanálise, por essência, tem um fim. (Allouch, 2004, p. 12)

Pouco antes desta virada morte-vida e com a entrada da Profa Dra Maria Alves de Toledo Bruns como docente da USP iniciei formalmente pesquisa no tema da sexualidade: a vida retornava em toda sua pulsionalidade. O primeiro trabalho apresentado em evento foi na XX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto em 1990, intitulado Como os Jovens Estão Vivenciando a Sua Sexualidade, que posteriormente foi publicado em 1991 na Revista Brasileira de Sexualidade Humana sob o título ‘Sexualidade: discurso do corpo? Um estudo de caso’. Esta pesquisa foi realizada a partir de dados que ainda no último ano do segundo grau, eu e alguns colegas colhemos anonimamente junto aos alunos. Um grande parceiro e amigo deste período de ‘Colegial’ (1985-1986) e que compartilhava comigo angústias existenciais, foi Martin Pablo Torriani, de quem sempre sentirei saudades. Pude revê-lo nas férias de meu pós-doutorado em Boston, onde hoje mora com sua esposa.

Em 1990 recebi da Superintendência de Assistência Social (SAS) da USP uma Bolsa do Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil – PAPFE para atuar junto aos profissionais da Creche da USP-RP. A maior demanda dos profissionais e dos pais na creche, era para lidar com as crianças de 3 a 4 anos que estavam em pleno descobrimento de sua sexualidade. Desenvolvi atividades junto às crianças e cursos para os profissionais. Foi um período muito rico pois trabalhar diretamente com as crianças, após a perda de Sarah, foi um desafio que me impulsionava à vida, ao contato com o desabrochar da curiosidade infantil em descobrir o mundo, que também era a minha e como diz Freud, a curiosidade liga-se de alguma forma ao poderoso impulso de pesquisa para fortalecer-se. (Freud, Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância, 1910/1996). Tornei-me assim uma pesquisadora, pelo amor e pela dor.

Formei-me em 1991 na 24ª Turma de Psicologia da USP-RP e sou muito grata aos docentes e colegas da época, que vivenciaram comigo tantos desafios e aprendizados. Gostaria de poder citar o nome de cada um nessas memórias e me reservo a fazê-lo internamente, esperando

que em seus afetos essas pessoas se sintam contempladas. As trocas afetivas de mensagens ainda hoje testemunham os laços que permanecem. Tivemos muitas greves das quais participei e durante o tempo da universidade vivi a luta por uma Constituição de ideal de direitos humanos (1988), as passeatas pela primeira eleição direta que culminaria depois em um *impeachment* no mesmo ano de queda do muro de Berlim (1989), a crise de vários planos econômicos que me confundia por vezes, ao não saber qual era o nome de nossa moeda, tão rápida a mudança se fazia.

No penúltimo ano do curso, 1990, concorri à já extinta Bolsa de Aperfeiçoamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Esta bolsa de pesquisa era destinada aos formados e que ainda não tinham entrado no Mestrado. Ter conseguido esta Bolsa para 1991, ainda no último ano do curso de Psicologia e que acabou por ser renovada até 1993, foi um mérito reconhecido por outros professores da USP, que vinham me elogiar e apontava que metodologicamente, eu e a Profa Maria Alves, estávamos no caminho certo como pesquisadoras do tema da sexualidade. Como resultado desta Bolsa tivemos três publicações entre 1993 e 1994: 'Mulher e Sexualidade: o desejo de continuidade' na Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 'A Liberdade Sexual Feminina: o fardo e a leveza' na Revista Viver Psicologia e 'A Face Oculta da Sexualidade Masculina' na Revista Viver Psicologia. Em 1993 fui convidada a primeira vez para ser palestrante no SESC em Campinas para o Curso de Teatro e participei do Congresso Internacional da World Association of Sexual Health (WAS) com apresentação de três trabalhos de minhas pesquisas e a partir de 1994 se iniciaram os convites para participação em simpósios, mesas e palestras sobre os meus temas de pesquisa em sexualidade humana.

## **DAS PÓS-GRADUAÇÕES AOS NOVOS SENTIDOS**

Quando a pátria que temos não a temos  
Perdida por silêncio ou por renúncia  
Até a voz do mar se torna exílio  
E a luz que nos rodeia é como grades.  
(Andresen, 2020)

Desde o início das pesquisas (1990) até entrar no Mestrado (1993) eu participei de 10 eventos todos com apresentações de trabalhos. Inaugurava-se em mim uma grande estratégia de enfrentamento às minhas dores e ao meu desejo de saber, minha fome encontrava certa saciedade no trabalho e a ele passei a me dedicar, muitas vezes, como um sacerdócio. Estudar sexualidade me trouxe muitos contatos, fui membro da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) desde seu início, presidida e difundida pelo Dr Nelson Vitiello, grande colega e incentivador, que faleceu em 2002, ano em que defendi o Doutorado e entrei na UFPR. Recebi a notícia enquanto eu dava uma palestra em Salvador, foi um momento de grande comoção. Na SBRASH também conheci os queridos Oswaldo Rodrigues Júnior e Carla Zeglio do Instituto Paulista de Sexualidade de São Paulo, que foram ao longo desses anos grandes parceiros de ideias e ideais sobre o tema da sexualidade humana. O estudo deste tema me deu a oportunidade de conhecer o Dr Luiz Otávio Torres, urologista de Belo Horizonte, hoje presidente da *Internacional Society of Sexual Medicine*, que acompanhou sempre de perto meu trabalho e proporcionou que uma parte empírica de minha pesquisa de Doutorado se desenvolvesse em sua clínica em MG ao qual lhe serei sempre grata mas,

sobretudo, Luis Otávio se tornou um grande amigo de trocas na vida, e é a quem nutro grande afeto todos esses anos.

Também fui fundadora e membro da Sociedade Campineira de Estudos em Sexualidade Humana (SCESH), que posteriormente apoiaria a formação do Curso de Especialização em Sexualidade Humana na Unicamp, no qual fui professora. Com a SCESH participei da organização de 9 Congressos sobre o tema. Publiquei na Revista da SBRASH desde os seus primeiros números. Em 1992 participei da fundação do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Sexualidade Humana (GEISH) da Unicamp, hoje coordenado pelos Profs Drs Joaquim Brasil Fontes Junior e Ana Maria Faccioli de Camargo. No GEISH a sexualidade, assim como o erotismo e as relações de gênero, são analisadas por meio de reflexões que se inscrevem em linguagens culturais diferenciadas, tendo em vista a diversificação das práticas e discursos onde se produzem possibilidades de subjetivação. Os membros do GEISH e da SCESH, como já disse, foram os responsáveis pelo primeiro Curso de Especialização em Sexualidade Humana da Unicamp coordenado pelas Profs Dras Ana Maria Faccioli de Camargo e Regina Sarmiento, no qual fui docente entre os anos de 1997 a 2002, juntamente com Ana Maria F. Camargo, Regina Sarmiento, Joaquim Zailton Bueno Motta, Margareth Rago, Maria Rita Assis Cesar, entre outros colegas e parceiros de produções.

Ao término da Bolsa de Aperfeiçoamento, em 1993 e já morando novamente em Campinas, eu havia entrado para o Mestrado em Psicologia da Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação do Prof Dr Carlos Alberto Vidal França e com Bolsa CNPq, com pesquisa intitulada 'A Sexualidade e o Ser: uma compreensão do vivenciar masculino'. Nesse período (1994-1996), estudando sobre sexualidade masculina, tive quatro artigos publicados: 'Sexualidade Masculina: misterioso silêncio' (1995) e 'Educação Sexual numa Visão Mais Abrangente' (1995) ambos na Revista Brasileira de Sexualidade Humana e 'A Separação dos que se Amam' (1995) e 'As Perspectivas do Relacionamento Conjugal' (1996) ambos na Revista Viver Psicologia. Participei de 17 eventos.

Os resultados da pesquisa de Mestrado apontaram: uma pluralidade e indeterminação do papel masculino e do que é ser homem; a organização subjetiva da identidade masculina construída com o referencial de heterossexualidade e de atividade, na qual o paradoxo proximidade-afastamento das mulheres está comumente presente; o homoerotismo como tema silenciado e/ou conflitivo na constituição do "ser homem"; as fantasias e excitação apontam para o caráter visual constituinte do imaginário masculino e para a transgressão do proibido; o amor e aceitação femininos, referenciados na sexualidade e na intimidade, apresentaram-se como primordiais para a realização afetiva e segurança emocional; relacionar-se com as mulheres, os limites e as exigências cotidianas reeditam inseguranças e temores primitivos não-verbais (castração materna), e apontam para os aspectos simbióticos e fusionais ameaçadores (feminino identificador).

Faço um agradecimento especial ao meu orientador Prof Dr Carlos França, à Profa Maria Alves que foi também de minha Banca e segue, até hoje, como grande parceira e amiga de vida e ao Prof Dr Zeljco Loparic que nessa época era professor na Filosofia da Unicamp onde fiz várias matérias e generosamente acompanhou minhas inquietações filosóficas com Heidegger, sendo um importante interlocutor para o término de meu Mestrado e, com certeza, incentivador para que eu continuasse informalmente meus estudos em Filosofia.

No fim do Mestrado, entre 1995 e 1996 eu participei voluntariamente como Psicóloga do Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante (SAPPE) da Pró Reitoria de

Graduação da Unicamp cujos atendimentos aconteciam no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria. Esse período foi muito importante em minha formação pois tive contato com os recursos para o manejo em psicoterapia breve psicanalítica que posteriormente muito me auxiliariam na perspectiva de clínica ampliada da psicanálise nas políticas públicas e tratamento das toxicomanias, na prevenção ao suicídio e no tratamento de enlutados. Atualmente, faço parte na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) no GT Psicanálise e Clínica Ampliada, o qual fui vice-coordenadora com Monah Winograd durante os anos de 2012-2018. No Editorial da Revista Tempo Psicanalítico de 2018, dossiê dedicado ao nosso Grupo, no qual tenho dois artigos publicados (Quando a resiliência pode ser uma aposta para a psicanálise: ampliações clínicas do trauma e do luto; “Formar-se” e “ser” mulher: um breve ensaio sobre a sexualidade feminina), assim nos referimos a esse grupo: nosso GT, Psicanálise e Clínica Ampliada, foi constituído como um desdobramento do GT, fundado em 2010, intitulado Processos de subjetivação, clínica ampliada e sofrimento psíquico, cujo objetivo central era o de ampliar o objeto da clínica e refletir sobre os modos de intervenção nos sofrimentos psíquicos derivados dos processos atuais de subjetivação. Foram três livros organizados por este grupo: Processos de subjetivação, clínica ampliada e sofrimento psíquico (Cia. de Freud/Faperj, 2012), Psicanálise e clínica ampliada: multiversos (Appris, 2014) e O Que Pode a Psicanálise (Blucher, 2019), no qual os autores discutem, cada um a seu modo, a potência da psicanálise em campos diversos de atuação. Tive 3 capítulos nos livros publicados com o grupo (Angústia, desespero e morte: narciso e o espelho partido (2012); Luto e identidade em tempos de incerteza no Oriente Médio: uma compreensão a partir da clínica ampliada (2014); O que pode a psicanálise no tratamento das toxicomanias? (2019)), tendo sido também organizadora do último livro. Definitivamente a minha experiência no Mestrado na Unicamp com a psicanálise ampliada, faz parte de meu fazer até atualmente.

Retornando à 1996, com a defesa do Mestrado já agendada, entrei no Doutorado no Curso de Ciências Médicas da Unicamp sob orientação do Prof Dr Mário Eduardo Costa Pereira, com pesquisa intitulada ‘Psicopatologia e Disfunção Erétil: a clínica psicanalítica do impotente’, publicada como livro em 2004, sob o mesmo título pela Editora Escuta e com financiamento da FAPESP. Inicialmente no Doutorado tive Bolsa da CAPES até solicitarmos bolsa para a FAPESP que, sendo contemplada, fiz a alteração. Neste ano de 1997, meu orientador fundou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) o Laboratório de Psicopatologia Fundamental e meu doutorado foi a primeira defesa do Laboratório.

A Psicopatologia Fundamental foi inaugurada na Paris VII (onde eu faria pós-doutorado depois) no final dos anos 1980 por Pierre Fédida (1934-2002), que foi o orientador de Doutorado de meu orientador. Fédida autorizou, em 1995, seu amigo Manoel Tosta Berlinck (1937-2016) a batizar com o mesmo nome, um Laboratório do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Unicamp, o Laboratório do Prof Mário. Em 1997, foi criada a Rede Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental que posteriormente se tornou Associação (AUPPF) e da qual hoje sou gerente administrativa, junto à presidência do Prof Dr Sérgio de Gouveia Franco.

A Psicopatologia Fundamental é uma linguagem (*logos*) sobre o sofrimento (*pathos*) psíquico levando em consideração a subjetividade. Ela é “fundamental” por dois motivos: 1. Distingue-se da Psicopatologia Geral proposta por Karl Jaspers e 2. Baseia-se no Princípio do Fundamento (*nihil est sine ratione*). Além disso, o “fundamental” é uma referência à natureza constitutiva



do *pathos* no humano. A Psicopatologia Fundamental pretende ser um campo de ensino e de pesquisa, no qual ocorrem interlocuções entre cientistas com diferentes pontos de vista sobre o sofrimento e o mal-estar psíquicos e adota o método clínico como o procedimento lógico mais adequado para a compreensão do sofrimento humano. É justamente levando mais longe o pensamento analítico que Fédida apresentou a psicopatologia como pilar de uma antiga e prestigiosa tradução, ao mesmo tempo filosófica e médica, à vocação intercientífica, na qual campos diversificados de pesquisa não se limitam mais apenas ao domínio da psiquiatria, mas ao contrário, estão em profunda renovação. Sob a incontestável influência da psicanálise, a clínica psicopatológica estende sua atividade para terrenos variados como doenças orgânicas, imunodeficiências, fenômenos de adicção e de farmacodependência, crises ligadas aos processos de crenças, maturidade e envelhecimento, assim como da procriação e da transmissão psíquica da vida. (Wolf-Fédida, 2008). A Psicopatologia Fundamental define, até hoje, meu enfoque dentro de meu campo de atuação.

No período do Doutorado (1997-2001) tive três artigos publicados em co-autoria com meu orientador: 'O Pai Distante: marcas da impotência na análise de um homem' na Revista Brasileira de Sexualidade Humana (2000), 'O Sujeito-Sintoma Impotente na Disfunção Erétil' na Revista Ágora (2001) e 'Disfunção Sexual Masculina, Psicopatologia e a Complexidade da Abordagem Clínica' na Revista Brasileira de Sexualidade Humana (2001). Posteriormente, em 2010, mas ainda como resultados desta pesquisa publiquei '*Erectile Dysfunction and Psychopathology*' na Revista Interação em Psicologia. Tive 4 orientações em especialização, participei de 4 bancas, 19 apresentações de trabalhos e palestras, 19 publicações em Anais de eventos, 9 entrevistas em mídias e 17 participações em eventos, nacionais e internacionais, sendo que em 2000 participei em Cuzco do X Congresso Latinoamericano de Sexología e Educación Sexual ministrando um curso e apresentando vários trabalhos, em 2001 do *15th World Congress of Sexology*, em Paris, no qual fui convidada para ser moderadora de mesas redondas e palestrante. Nesse evento eu já havia definido que faria meu pós-doutorado em Paris. Também nesse ano apresentei trabalho no *VI Latin American Congress on Sexual Impotence* e *VI Brazilian Congress on Sexual Impotence*, no Rio de Janeiro.

Como resultado desta pesquisa de Doutorado cheguei que o problema do impotente não é se aproximar do gozo, ele até brinca com ele ao fantasiá-lo nas relações impossíveis as quais nunca irá realizar, e faz isso o tempo todo com seu próprio corpo, nas somatizações, na tensão excessiva da dor. O problema para o impotente, como para todos, quando nos referimos à clínica psicanalítica, é o da travessia da fantasia ou do fantasma. E na fantasia do impotente ele é o 'desejado', aquele que está em uma posição de resposta ao desejo do Outro. Como poder sentir prazer? Por isso que a fantasia é perversa, também aqui, porque só na perversão o sujeito aceita colocar-se como instrumento do gozo do Outro, porque aceita o gozo do Outro. O impotente não assume que deseja ser o instrumento do gozo do Outro, para não assumir sua falta, instaurada no processo da metáfora paterna. Por isso, iludindo-se numa completude narcísica, mantém seu corpo-falo, mas não sabe o que fazer com ele, principalmente quando é convocado a responder no lugar de desejante.

Tenho uma gratidão ímpar ao meu orientador Prof Dr Mario Eduardo, aos outros docentes da Faculdade de Medicina que supervisionaram meus casos e às amigas de Doutorado que estiveram muito próximas na construção da pesquisa mas também nos compartilhamentos de momentos significativos, especialmente Tatiana Assadi e, com saudades de quem cedo partiu desta vida, Joyce Freire.

## PELO QUE VALE VIVER A VIDA

A única doença é  
não haver paixão.

(...)

Levanto-me para a vida para apaixonar e ser apaixonada:  
eis o que toda a gente, pela manhã, deveria ser obrigada  
a dizer e a sentir. Levanto-me para a vida para apaixonar  
e ser apaixonada. E até esse levantar me apaixona.

Se não houver a possibilidade de ser apaixonante  
para que serve haver a pele?

Basta explicar o que nos une  
para explicar o sentido da vida.

A única doença  
é não haver paixão.

(Freitas, 2015)

Considero que a mais importante produção deste período foi que no primeiro ano de Doutorado (1997), nasceu meu filho Matheus. De uma gravidez muito difícil e de alto risco, que não tinha chances médicas de ter acontecido. A ele dedico meu primeiro livro: ‘Para Matheus, homem do amanhã que, no menino de hoje, preenche e renova muitos significados em minha vida. Não encontro palavras que abarquem todo esse sentimento, sem que muito amor ainda fique esparramado pelo chão’ (Cremasco Grassi, 2004). Matheus é como um milagre em minha vida. Digo assim pois assim a vivi, pois meu desejo de gestar era tão forte e grande que, assim acredito, por algum motivo, isso suplantou as dificuldades físicas para que a gravidez se realizasse. Meu médico, à época, disse-me em confissão: “é a sua chance de ser mãe, não podemos perdê-la”. Matheus nasce com toda ajuda da tecnologia, com 30 semanas e em perfeita saúde, envolto em tanto amor que quando retorno ao quarto da cirurgia, toda família lá estava sem eu saber como, morando longe, todos chegaram tão rápido. É com emoção que essas palavras se fazem...

Quando tocava a música Um canto de afoxé, Matheus pequenino mexia muito em minha barriga e eu o imaginava dançando, feliz. Ilê Aiyê é uma expressão que significa, em língua iorubá, O Mundo ou A Terra da Vida ou ainda Festa do Ano-Novo. O iorubá é um conjunto de crenças que inspirou o candomblé e é baseado na vida em harmonia e em comunidade. O que meu filho vem trazer com sua vida para a minha, a nossa, é essa ‘festa do novo’, um novo mundo que eu passo a ver por seus olhos: para que seus olhos vejam, eu começo a ver um novo mundo povoado de cores e sabores que eu tanto desejei apresentar a ele...

Ilê aiê

I...lê aiê como você é bonito de se ver

I...lê aiê que beleza mais bonita de se ter

Ilê aiê

I...lê aiê sua beleza se transforma em você

I...lê aiê que maneira mais feliz de viver

Ilê aiê

(Veloso, 1982)

Matheus ressignifica tudo. A concepção de tempo, de intensidade de vida, de alegria e, sobretudo, do que a vale a pena viver. Com ele descobri que as noites, muitas vezes acordada, podiam ser longas, mas a vida, com certeza seria muito curta para tanto desejar viver. Temos

uma música, digo que é nossa música, que retrata essa emoção: O nome 'Lanterna dos Afogados' da música de Herbert Vianna, vem de um capítulo do livro "Jubiabá", de Jorge Amado. O capítulo retrata o bar Cais do Porto, onde as mulheres dos pescadores esperavam os seus maridos com lanternas, para ajudá-los a achar o caminho certo. **Fonte especificada inválida.**

Quando está escuro  
E ninguém te ouve  
Quando chega a noite  
E você pode chorar  
Há uma luz no túnel  
Dos desesperados  
Há um cais de porto  
Pra quem precisa chegar  
Eu estou na Lanterna dos Afogados  
Eu estou te esperando  
Vê se não vai demorar  
Uma noite longa  
Pruma vida curta  
Mas já não me importa  
Basta poder te ajudar  
E são tantas marcas  
Que já fazem parte  
Do que eu sou agora  
Mas ainda sei me virar  
Eu tou na Lanterna dos Afogados  
Eu tô te esperando  
Vê se não vai demorar  
(Vianna, 1989)

Estou terminando esse texto no dia 25 de julho, aniversário de meu filho. Hoje sou grata à existência por Matheus ser quem é e por eu ser capaz de sentir por ele um amor que me amplia o 'eu' (reb-eu-ldi), e me faz querer que o mundo seja melhor, mais justo.

Entre os anos de 1997 e 1999 fui consultora e redatora responsável da coluna semanal 'Sexo' no Caderno Geração do Jornal Correio Popular de Campinas. Foi uma experiência extremamente desafiadora e instigante pois eu produzia textos a partir das perguntas sobre sexualidade que os leitores encaminhavam ao jornal. Tive que desenvolver uma linguagem acessível, coloquial para poder atingir os leitores de um jornal de circulação. Isso me deu a dimensão mais real e extensionista do trabalho acadêmico que tanto me dedicaria depois: os textos tinham que se produzir em dialogicidade com a comunidade. Tive o grande prazer também de ter minha coluna, que saía aos domingos, na mesma página da coluna de Rubem Alves (1933-2014) que tanto admirava, como profissional e pessoa. De certa forma era como se dialogássemos nas minhas manhãs de domingo, muitas vezes escrevendo sobre temas afins, em sincronia, sem combinarmos. Algumas vezes pude dialogar pessoalmente com ele sobre nosso trabalho e sobre a vida. Sou-lhe grata e admiradora incontestável por isso.

#### **DOS PERCURSOS, PERCALÇOS E DO QUE ME CALÇA NA UFPR**

A presença de alguém com quem se possa compartilhar e comunicar alegria e sofrimento (amor e compreensão) cura o trauma. (Férenczi, 1985, p. 272)

Após a defesa do Doutorado, no início de 2002, minha vida segue outros rumos: o casamento recém terminado, um novo grande luto que segue mas também a vontade grande de mudança e, finalmente, estava preparada para sair de Campinas e prestar concurso em Universidade. Joyce Freire, essa eternizada grande amiga da época de Doutorado (quando nossas gravidezes nos uniram mais ainda), e a qual, com sua partida tão prematura, deixa em mim saudades eternas, foi quem me ligou falando do concurso. Muitas vezes me lembro que se não fosse por ela eu jamais saberia do concurso para UFPR que estava em seu último dia de inscrição. Dava aula na Especialização em Sexualidade Humana na Faculdade de Educação, como já disse, mas não havia tão cedo nenhuma perspectiva de concurso na Unicamp. Nesse ano, a esquerda acabava de ascender ao poder político e posteriormente, teríamos uma grande abertura nas universidades, mas eu estava no início disto tudo. Quando entro na UFPR, em 24 de julho de 2002, a situação do Departamento de Psicologia era preocupante. Entro como a 12ª docente do DEPSI com uma elevada carga horária em sala, algo que hoje não seria admissível. Minha prova escrita do concurso da UFPR, 'Algumas Contribuições de Merleau-Ponty para a Psicologia em Fenomenologia da Percepção' que revelou a base filosófica de meus estudos, que citei anteriormente, consegui prepará-la para publicação apenas posteriormente, na Revista da Abordagem Gestáltica em 2009, ano em que saí para o pós-doutorado, que também inaugurou outro tema de pesquisa referente ao trauma psíquico que fundamentaria posteriormente minhas pesquisas atuais com luto e prevenção ao suicídio.

Atenho-me um parágrafo para dizer de minha experiência em vir, com meu filho recém feito 5 anos, para Curitiba. A estranheza de quando cheguei foi da dimensão do estrangeiro em tudo que isso possa representar: o sotaque do 'e' e dos sufixos 'mente', mais fortemente pronunciados e que por tanto tempo me causava irritação se o ouvia em tom baixo; a cultura do não se cumprimentar ou talvez de um certo ignorar que o outro esteja contigo no mesmo elevador ou ambiente; o frio para alguém friorenta mas, sobretudo, os dias cinzas – esses, eu cheguei a fazer contagem, tal qual prisioneira, tão inacreditável era sua persistência em se apresentar manhãs após manhãs naquilo que me parecia um sem fim do fim paulista de meus dias azuis. Por um tempo minha estranheza se tornava palavras hostis para esta cidade, para este povo. Meu filho tinha a mesma percepção que eu, por mais que nos finais de semana eu tentasse fazer com que tivéssemos mais diversão quanto possível, desbravando os lugares da cidade e seus arredores. Num dia em que ele me dizia que queria voltar, porque tinha saudades das pessoas e eu tentava lhe convencer do quanto estávamos melhor aqui, que a cidade era isto e aquilo de bom e organizado, ele me diz algo que nunca me esquecerei e me marcaria para a vida: "mãe, lugares são pessoas!". Percebi que era com laços com as pessoas que eu fazia laço com esse lugar. Numa vinda de um amigo carioca para uma Banca e palestra, conversando sobre a cidade, ele me disse algo que me libertou dessa quase melancolia curitibana que em mim se instalava não tão silenciosamente quanto desejava: "essa cidade te acolheu!" Sim, eu tinha sido acolhida. Não a meu modo, ao modo deste lugar e era isto que me faltava reconhecer, para me deixar ser acolhida. Não poderia deixar de fazer minha homenagem de reconhecimento ao 'lugar' que acolheu minha estrangeiridade, reforçando-a como sentido de força, senão por Leminski no poema 'Imprecisa premissa':

(quantas Curitiba cabem numa só Curitiba?)  
Cidades pequenas,  
Como dói esse silêncio,  
Cantilenas, ladainhas,

tudo aquilo que nem penso,  
esse excesso  
que me faz ver todo senso,  
imprecisa premissa,  
definitiva preguiça  
com que sobe, indeciso,  
o mais ou menos do incenso.  
Vila de Nossa Senhora  
Da Luz dos Pinhais,  
Tende piedade de nós.  
(Leminski, 2017, p. 44)

Assim que chego na UFPR assumi a vice-chefia do Departamento de Psicologia (2002-2003 e 2003-2004) e a coordenação do Mestrado em Psicologia (2004-2005). De julho de 2002 a dezembro 2008, quando me afasto para o pós-doutorado na Université Denis Diderot (Paris VII) sob coordenação do Prof Dr Jacques André, são 6 anos e meio que, revendo agora, parece-me bem mais que uma década. Tive um mergulho no trabalho e na produção de modo que não seria capaz de expressar aqui a dimensão e, embora meu curriculum faça esse testemunho, lembro-me de muito mais coisas que não fui capaz de registrar justamente pela velocidade com que eu as realizava. Fui convidada pela Profa Dra Maria Teresa Castelo Branco, a quem nutro profunda admiração e que havia sido de minha Banca de Concurso, a assumir a direção do Núcleo de Estudos sobre o Desenvolvimento Humano (NEDHU), grupo de pesquisa do Diretório de Pesquisas do CNPq com o qual organizei 9 eventos. Posteriormente, em 2003 e com meus trabalhos focados na Psicopatologia Fundamental, passou a se chamar Laboratório de Psicopatologia Fundamental (LPF) da UFPR.

Neste mesmo ano (2003), com apoio da Fundação Araucária, organizei o Encontro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental da UFPR como uma homenagem à Pierre Férida que faleceu no mesmo ano em que entrei na UFPR. O símbolo do LPF é a fênix<sup>2</sup>: a crença na ave lendária que renasce das próprias cinzas é de vários povos da Antiguidade como gregos, egípcios e chineses. Em todas as mitologias o significado é preservado: a perpetuação, a ressurreição, a esperança que nunca têm fim. Quando morria, entrava em auto-combustão e, passado algum tempo, ressurgia das próprias cinzas. Este símbolo foi escolhido junto aos alunos e representava algo da utopia que aqui delinheo recorrendo ao um querido amigo, Edson de Souza da UFRGS:

Todo ato de criação é um ato utópico. Cada vez mais precisamos de uma cultura que nos arranque do sono do senso comum e que possa desenhar um horizonte de sonhos que desperte em nós o desejo de construir novas formas para o pensamento e para a vida. Tudo o que podemos fazer, o que podemos dizer, o que podemos pensar depende do ponto de

---

<sup>2</sup> Aconteceu alguma vez a alguém deste mundo renascer depois da morte? Mesmo que te fosse concedida uma vida tão longa quanto a da fênix, terias de morrer quando a medida de tua vida fosse preenchida. A fênix permaneceu por mil anos completamente só, no lamento e na dor, sem companheira nem progenitora. Não contraiu laços com ninguém neste mundo, nenhuma criança alegrou sua idade e, ao final de sua vida, quando teve de deixar de existir, lançou suas cinzas ao vento, a fim de que saibas que ninguém pode escapar à morte, não importa que astúcia empregue. Em todo o mundo não há ninguém que não morra. Sabe, pelo milagre da fênix, que ninguém tem abrigo contra a morte. Ainda que a morte seja dura e tirânica, é preciso conviver com ela, e embora muitas provações caiam sobre nós, a morte permanece a mais dura prova que o Caminho nos exigirá. (Attar, 1987)

horizonte que vem dar o foco necessário ao cenário da vida. Estes horizontes funcionam não só como mapas que orientam nosso movimento mas é o motor mesmo de nosso desejo de caminhar. (Sousa, 2011)

Nesse período tive registrado o projeto de pesquisa Sexualidade Masculina e Contemporaneidade cujo objetivo era analisar, sob uma perspectiva psicanalítica, o que seria, em nossa contemporaneidade, considerado cultural e socialmente como 'masculinidade', visando uma sistematização conceitual do que também poderia ser denominado como 'crise masculina'. As questões norteadoras desta pesquisa foram: Quais elementos de nossa realidade social que conceituam, sob uma perspectiva psicanalítica, 'masculinidade' e 'crise masculina' na atualidade? Como esses elementos estão, social e psicologicamente, configurados em duas instâncias: Na realidade de jovens universitários, teoricamente mais expostos às mudanças conceituais e na psicopatologia da clínica psicanalítica com homens? Desde a época de meu Mestrado eu era membro da Associação Brasileira de Estudo da Inadequação Sexual – ABEIS e em 2004, organizei o I Simpósio ABEIS sobre Disfunções Sexuais do Paraná no qual fiz o lançamento de meu livro Psicopatologia e Disfunção Erétil (Ed. Escuta). Devo um agradecimento especial à Maria Lúcia Badalotti Tavares e a Erlei Tavares que organizaram comigo este evento aqui em Curitiba e que se tornaram grandes amigos. Lúcia minha irmã do coração a quem, pelo motivo que for, posso me socorrer em seus ouvidos, mesmo que a distância hoje nos encha de saudades.

Nesse mesmo ano de 2004 também proponho disciplina na reforma curricular do curso, que cito adiante. Em 2005, no Uruguai, ganhei o prêmio de melhor trabalho apresentado no VIII Congresso da Sociedade Latinoamericana para o Estudo da Impotência e Sexualidade (SLASH) com a pesquisa masculinidade, identidade e problemas sexuais na contemporaneidade. Dividi o prêmio com meu orientando de iniciação científica Marlon Cardoso Peruzzolo, grande parceiro de produções e amigo até hoje. Publicamos em 2007 juntos um capítulo de livro '(In)Coerências no Contemporâneo: cultura-economia da imagem estética' (Ed Gramofone).

Na graduação lecionei sempre as disciplinas relacionadas à clínica, os estágios formativos de quarto e quinto anos e orientei monografias, além de programa de voluntariado acadêmico e iniciação científica. Assumi a disciplina de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise e outras ligadas à Psicopatologia (Tópicos Especiais, Psicopatologia I, Clínica da Psicanálise) na área de Psicologia e Saúde. Nesse período de 2002 a 2008, publiquei 5 artigos, alguns em co-autoria (O Amor que Rouba os Sonhos: um estudo sobre a exposição feminina ao HIV (2005); Temporalidade e Contemporaneidade (2007); Percepção de risco e velocidade: a lei e os motoristas (2007); Violência e Resiliência: enfrentamento do traumático na clínica psicanalítica (2008); Histeria e Fantasias Perversas em 'Matador' – Almodóvar (2008). Além do livro de minha Tese, já citado, publiquei mais 3 capítulos de livros (Subjetividades e temporalidade: enfoques psicopatológicos na contemporaneidade (2005); Sobre Transferências e Fantasias: apontamentos clínicos (2007); (In)Coerências no Contemporâneo: cultura-economia da imagem estética (2007)) e 1 prefácio de livro (A Modernização da Música Primitiva (2007)). Tive 29 textos em jornais ou revistas, 44 apresentações de trabalho ou palestras, 95 participações em eventos, 37 publicações em Anais de eventos, 9 organizações de eventos, 19 entrevistas/comentários na mídia, 146 orientações (graduação, iniciação científica, extensão e especialização) e 87 participações em bancas (graduação, especialização e pós-graduação).

Quando penso nesse número de orientações me lembro de quão intenso era meu contato com os estudantes e quanto isso foi importante no meu processo de adaptação em Curitiba (“lugares são pessoas”). A amizade próxima, com muitos deles, revela o quão significativo foram os laços que desenvolvemos. Fui membro de banca, convidada e madrinha de casamento, testemunhei o nascimento de muitos filhos deles, bem como participei de muitas outras conquistas e derrotas que dividem comigo até hoje. Tive a honra de ser convidada em 2019 para fazer a apresentação do livro de Patricia Lages, *Abuso sexual infantil através de gerações: herança mal dita*, que foi minha aluna e orientanda (Lages, 2019). Alguns ex-alunos, tornaram-se amigos mais próximos que participaram e comemoraram comigo a alegria de meu segundo casamento, em 2005 e, posteriormente, lamentariam comigo seu término em 2019 e mais uma vez, meu renascer. Com gratidão cito os queridos: Julia Alface, Thaisa Virmond, Rodrigo Bannach, Marlon Peruzzolo, Renée Volpato Viaro, Washington Sigolo, Suzana Braga dos Santos, Lázaro de Almeida.

O contato próximo com os alunos sempre foi muito enriquecedor para mim, aprendi muito nas supervisões que sempre me colocavam diante da radical alteridade e necessidade de respeitá-la me respeitando. Os textos produzidos desses trabalhos conjuntos sempre acabavam por revelar algo dessa rica e instigante interrelação com os discentes. Considero a tarefa de ensinar a escrever, dessas que, como Freud diz, ofícios que se exercem com o engajamento da palavra e são fadados ao fracasso. Ele cita que educar (*Erziehen*), curar (*Kurieren*) e governar (*Regieren*) seriam “ofícios impossíveis” (*ummöglichen Beruf*) pois dependendo da palavra, esta sendo fluida, dita e exercida a um outro, nunca se sabe o que dela se produzirá e aqui recupero o que disse mais acima ‘não necessariamente haverá escuta do que no discurso a pre-sença se pronuncia’ (Heidegger, 2005) e, mais além disso, sendo a palavra em sua dimensão inconsciente sempre aquilo que escapa ao ser falante, nunca se sabe exatamente o que se proferiu quanto ao seu próprio desejo inconsciente (retomo o *iceberg* do início deste texto).

Por isso, para Freud (p. 292), exercer os três ofícios é “estar seguro de chegar sempre a resultados insatisfatórios” (Freud, *Análise terminável e interminável*, 1980/1937). Insatisfatório porque alcançar ou supor que se ensine ou se imponha ‘a verdade’ é impossível (dela, no Tribunal ou fora dele, só o ‘dizer’). Ensinar ou impor ‘a verdade’ seria anular o outro, sua resistência em produzir um saber que lhe diga respeito, que o liberte, do qual ele seja o autor quanto ao sentido que dará à sua vida. Significa justamente, aliená-lo, assujeitá-lo ao saber que vem do outro. Ensinar a escrever, supervisionar a clínica ou a escrita, dar aula, tornou-se para mim, sobretudo, uma responsabilidade de transmissão: transmitir algo, visando despertar a vontade no outro de aprender, como um convite para um engajamento próprio em direção à busca de si. Tem a ver com a palavra que desperta para a falta, para a ausência, como nos diz Rubem Alves a quem longamente cito, testemunhando meu afeto aqui já expressado:

É a ciência pouco ortodoxa da psicanálise que nos informa que o discurso sobre as ausências – discurso dos sonhos, das esperanças – tem o seu lugar na interioridade de nós mesmos, explodindo, emergindo, irrompendo sem permissão, para invadir e embaraçar o mundo tranquilo, racional e estabelecido de nossas rotinas institucionais. Seria possível, então, compreender que a polaridade entre educadores e professores não instaura uma dicotomia entre duas classes de pessoas, umas inexistentes e heróicas, outras vulgares, mas antes uma dialética que nos racha a todos pelo meio, porque somos todos educadores e professores, águias e carneiros, profetas

e sacerdotes, reprimidos e repressores. (...) Diz-nos Freud que a questão decisiva não é a compreensão intelectual, mas um ato de amor. São os atos de amor e paixão que se encontram nos momentos fundadores de mundos, momentos em que se encontram os revolucionários, os poetas, os profetas, os videntes. (Alves, 1992, p. 19)

Em 2002, quando chego na UFPR, fui convidada pelo Prof Dr Victor Eduardo da Silva Bento, a quem aqui faço meu agradecimento e reconhecimento pela nossa parceria daquela época, a coordenar com ele, de 2003 a 2005, o Centro de Estudos das Toxicomanias Dr Claude Olivenstein: Pesquisa, Ensino, Tratamento e Prevenção (CET) que foi fundado em 1999 no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná que desde sua criação até maio de 2005 (quando Prof Victor se transfere para a UFRJ), possuía um Acordo de Cooperação com o Centre Médical Marmottan em Paris, este na ocasião de fundação do CET, sob a direção do próprio Claude Olivenstein (1933-2008). O Prof. Victor, que fez seu doutorado em Paris VII, assim conceitua o que fazíamos: “A diferença entre o CET e os centros de toxicomania existentes é que, aqui, a doença é vista sob o prisma do interior, do inconsciente”. (Bento, 2000). Muitos dos trabalhos orientados e bancas que participei e participo foram e são no tema da toxicomania que até hoje desenvolvo. Fui vice-coordenadora do Curso de Especialização das Toxicomanias do CET no ano de 2003 e vice-coordenadora do Programa de Extensão Universitária do CET entre 2003 e 2005.

Em 2008, antes de sair para o pós-doutorado coordenei uma pesquisa intitulada A Experiência com Ayahuasca sob a Perspectiva da Psicopatologia Fundamental que buscava compreender os estados alterados de consciência (EAC) proporcionados pela experiência com a bebida conhecida como Ayahuasca. A metodologia deste estudo seguiu os parâmetros das diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência (EAC) e experiências anômalas (EA) propostos pelos psiquiatras Alexander Moreira Almeida e Francisco Lotufo Neto (USP), as quais enfatizavam a necessidade criativa para elaboração de novos métodos para investigação destes fenômenos. Desta pesquisa, publiquei em 2009, com meus orientandos Camila Silva Robeiro e Jonas Felipe Tagliari Eler, o artigo ‘Esta Força que Faz Balançar: pontos de encontro entre a corporalidade em rituais ayahuasqueiros e psicanálise’ na Revista Entrelugares. Em 2009 publiquei com Mariana Benatto Pereira da Silva o artigo ‘O Analista e a Toxicomania’ na Revista Mal-Estar e Subjetividade e em 2011 com Shana Nakoneczni Pimenta e Serge Lesourd (seu orientador de Mestrado em Estrasburgo, França) o artigo ‘Clínica da Toxicomania: uma expressão melancólica?’ Na Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Mariana e Shana foram minhas alunas e orientandas de monografia durante a graduação, logo que cheguei na UFPR e até hoje temos boas e produtivas parcerias de trabalho ao qual sou muito grata.

Nesse mesmo ano de 2008, registro a pesquisa Superação de traumas psíquicos como fazendo parte de meu pós-doutorado e vinculada à linha de pesquisa Psicologia Clínica do Mestrado em Psicologia. Teve por objetivo um aprofundamento teórico sobre o tema do trauma e da resiliência na clínica psicanalítica visando fornecer subsídios e dispositivos clínicos para a compreensão e o atendimento de vítimas de traumatismos violentos. Esta pesquisa se encerra em 2012.

## **DO PÓS-DOUTORADO PARA ALÉM DO SENTIDO**

“Se compreender é impossível, conhecer é possível”



De 2009 até 2010, período do pós-doutorado, tive publicados 8 artigos, alguns em co-autoria (Esta Força que Faz Balançar: pontos de encontro entre a corporalidade em rituais ayahuasqueiros e psicanálise (2009); Da Angústia ao Suicídio (2009; Brokeback Mountain e o Segredo de Todos Nós: subjetividades na contemporaneidade (2009); Algumas Contribuições de Merleau-Ponty para a Psicologia em Fenomenologia da Percepção (2009); O Analista e a Toxicomania (2010); *Erectile Dysfunction and Psychopathology* (2010) ; Luto e melancolia em Anti-Cristo: um olhar clínico sobre as confissões do realizador (2010); A Superação do traumático: Diálogos entre a psicanálise e a teoria crítica na atualidade(2010), 2 capítulos de livros, 1 em co-autoria (Compreensões sobre o Assédio Moral no Trabalho a Partir da Psicodinâmica no Trabalho; Psicopatologia Fundamental e Psicanálise na UFPR: contribuições para um projeto curricular), organizei 1 livro (Contribuições de Freud à Arte e à Cultura), 1 prefácio (Contribuições de Freud à Arte e à Cultura), 2 textos em jornais, 1 entrevista em mídia, 3 palestras/apresentações proferidas, 3 organizações de eventos e 6 participações em eventos.

Hoje penso que sair para o pós-doutorado foi poder me concentrar em minha pesquisa que me traria um aprofundamento ainda maior em psicopatologia: Violência e Resiliência: enfrentamento do traumático na clínica psicanalítica. Fui convidada a publicar este projeto de pós-doutorado em 2008 no *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology On Line* que também recebeu um parecer positivo da CAPES para recebimento de Bolsa na qual acabou não se concretizando, sob o argumento de cortes orçamentários do governo.

O conceito de resiliência nos fornece contribuições para pensarmos a práxis psicanalítica e possíveis ampliações na clínica do traumático. Como capacidade de reaprender a viver após um ferimento, a resiliência é um processo que se instala já na primeira infância, com a tecitura dos laços afetivos e, depois, a expressão das emoções. Envolve toda uma revisão do conceito do 'traumático' na clínica e seus possíveis enfrentamentos. A possibilidade de elaboração do luto que liberta e desinibe o ego em contraste com o apego e a submersão ao traumático, típica da melancolia que 'culmina numa expectativa delirante de punição', aponta para a hipótese de paradigmas teórico-clínicos auxiliares na reflexão das possibilidades 'resilientes' de enfrentamento do traumático.

Ir para Paris foi uma experiência única em minha vida que tenho nessas memórias que dedicar 'boas' linhas. Desenvolver minha pesquisa no berço da Psicopatologia Fundamental, o *Centre de Psychopathologie et Psychanalyse* (CEPP) da Université Paris VII foi como uma coroação de meu engajamento nessas discussões. Associei-me às instituições em Paris que desenvolviam trabalhos sobre o o tema do traumatismo e nas quais eu participava inclusive das discussões clínicas, que muito me agregaram à continuidade de minha formação psicanalítica: *Association de Langue Française des Études du Stress et du Traumatisme*, *Association Fractale pour l'études sur les traumatismes psychiques*, *Centre Française Minkowska* e *Association de Psychologues Cliniciens d'Orientation Freudienne* (APCOF). Em todas participei ativamente, dos eventos e reuniões. Por conta desses contatos fui convidada a participar das discussões de pesquisas e casos clínicos *Fabrications, Transformations et Représentations des Corps*, dirigidas pelos Professores Ouriel Roseblum e Eva Weil, no Hôpital de la Salpêtrière. Lembro-me a primeira vez que fui ao Salpêtrière para a reunião e me perdi totalmente em seus prédios e em

suas salas e enquanto tentava achar o local certo, ia perguntando e me fascinando de estar, pessoalmente, no local onde Freud estudara com Charcot sobre a histeria. Para mim isso representava uma emoção visceral e quando finalmente achei o lugar a reunião já havia começado e eu tinha que me apresentar, pois era nova, e estava muito nervosa mas me senti surpreendentemente acolhida pelo Prof Ouriel, que se interessou pela minha pesquisa e com isso, pude relaxar para acompanhar as discussões. Por participar também da APCOF, passei a frequentar o Hôpital Sainte-Anne para discussões clínicas, onde Jacques Lacan clinicou.

Minha pesquisa foi registrada na *Fondation Nationale Alfred Kastler* e no *Bureau d'Accueil des Chercheurs da Cité Internationale de Paris* no centro de mobilidade de pesquisas estrangeiras na França tendo sido convidada a participar da *Soirée en l'honneur de la reserche parisienne* por convite do Prefeito de Paris em 2010, dia em que pude conhecer o impressionante interior do Hôtel de Ville que abriga as instituições do governo municipal de Paris.

Jacques André que coordenou minha pesquisa de pós-doutorado e me dava grande liberdade para conduzir meu trabalho de acordo com o que eu escolhia fazer, passou-me alguns encontros de orientação de algumas de suas mestrandas e isso foi muito inspirador e generoso de sua parte pois pude, também lá, exercer a supervisão. Como pós-doutorandas, além de mim, Jacques André coordenava a pesquisa de Marta Matos do Porto, Portugal. Ficamos grandes amigas, fazíamos muitas coisas juntas e de nossa parceria Marta veio para o Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental em 2010, hoje é associada da AUPPF e em 2013 fui convidada por ela para organizar o II Congresso Ibero-Americano de Psicologia da Saúde e III Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde, em Faro, Portugal.

### **SEMPRE TEREMOS PARIS...**

*Avec mes souvenirs  
J'ai allumé le feu  
Mes chagrins, mes plaisirs  
Je n'ai plus besoin d'eux!*  
(Vaucaire & Dumon't, 1960)<sup>3</sup>

Morar em Paris me trouxe grandes descobertas que, nesse momento atual de pandemia, muito me ajuda a refletir e colocar em prática: vivíamos eu e meu marido em 37 m<sup>2</sup> e logo descobri que esse espaço, quase metade de nosso quarto à época no Brasil, era um privilégio para um casal. As pessoas vivem em espaços mínimos. Eu assistia um programa que falava especificamente da vida das famílias nesses espaços, seus problemas e soluções. O governo, naquela época, especificava que um casal deveria viver no mínimo em 9 m<sup>2</sup> mas sabíamos, em nosso prédio mesmo, que famílias inteiras viviam assim no Centro de Paris, a exemplo das moradias precárias em tantas partes do mundo. Quando eram delatados, o fiscal ia até a moradia para verificação e caso houvesse a constatação, as pessoas tinham que ser retiradas do imóvel. Lembro-me que quando o fiscal vinha em nosso prédio, alguns membros da família de imigrantes, se escondiam no banheiro que no caso deles, ficava no corredor que também era muito pequeno. Essas memórias ativam em mim o quanto descobrimos, nessas experiências, sobre a realidade tão difícil, até cruel, de outras pessoas. De como a desigualdade fere e mata em todo o mundo mas no caso de nosso país, como isso pode ser

---

<sup>3</sup> Com minhas memórias/Eu acendi o fogo/minhas tristezas, meus prazeres/Eu não preciso mais deles! (tradução livre)

ainda mais aviltante pois se lá a saúde e educação ainda tinham alguma garantia mais igualitária, aqui não temos nem isso.

Descobri também logo que cheguei que precisamos de muito menos para viver do que acumulamos e como nosso poder de acumulação tem sim a ver com a desigualdade social. Investimos muito em coisas que não precisamos, distraídos do que realmente importa, como o cuidado dos outros, por exemplo. Com isso quero dizer do laço social e de nossa responsabilidade com relação ao outro, seja o meio ambiente seja quem tem menos ou nenhum amparo social. Minha experiência adolescente em comunidades ganhou outra dimensão após essa vivência na Europa pois antes o que eu imaginava como sendo minha responsabilidade social era, na verdade, uma miopia diante de um mundo muito mais complexo e desigual que fui conhecer: sendo na realidade mesma de Paris, como também dos lugares no mundo que visitei e, posteriormente nos trabalhos em políticas públicas que iria desenvolver em minha volta. Cito aqui uma música de Patrick Bruel (1991), *Qui a le Droit?*, um cantor que muito me impressionou quando lá o conheci e que já há muito fazia sucesso com sua forma de tornar universal o que é uma história pessoal. Tive a oportunidade, inesquecível, de ir em um de seus shows.

*On m'avait dit : "Te poses pas trop de questions.  
Tu sais petit, c'est la vie qui t' répond.  
A quoi ça sert de vouloir tout savoir ?  
Regarde en l'air et voit c' que tu peux voir."  
On m'avait dit : "Faut écouter son père."  
Le mien a rien dit, quand il s'est fait la paire.  
Maman m'a dit : "T'es trop p'tit pour comprendre."  
Et j'ai grandi avec une place à prendre.  
Qui a le droit, qui a le droit,  
Qui a le droit d' faire ça  
A un enfant qui croit vraiment  
C' que disent les grands ?  
On passe sa vie à dire merci,  
Merci à qui, à quoi ?  
A faire la pluie et le beau temps  
Pour des enfants à qui l'on ment.  
On m'avait dit que les hommes sont tous pareils.  
Y a plusieurs dieux, mais y' a qu'un seul soleil.  
Oui mais, l' soleil il brille ou bien il brûle.  
Tu meurs de soif ou bien tu bois des bulles.  
A toi aussi, j' suis sûr qu'on t'en a dit,  
De belles histoires, tu parles... que des conneries !  
Alors maintenant, on s' retrouve sur la route,  
Avec nos peurs, nos angoisses et nos doutes.<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Tinham me dito/"Não façás demasiadas perguntas/Sabes pequeno a vida é que te responde/Para quê saber tudo?/Olha para o ar e vê o que podes ver"/Tinham me dito/"É necessário ouvires teu pai"/O meu não me dissenada quando foi se fazer par/A minha mãe disse "És demasiado pequeno para compreenderes!/E cresci comum lugar a tomar/Quem tem o direito/Quem tem o direito/Quem tem o direito de fazer isto?/A uma criança/que realmente crê/No que dizem os grandes/Passa-se a vida a dizer obrigado/Obrigado a quê? A quem?/Que a chuva e o tempo bom/Para as crianças a quem se mente/Tinham-me dito/"Disseram que os homens eram todos iguais/Que haviam muitos Deuses mas apenas um sol. "/Sim mas o sol brilha e queima/E tu ou morres de sede ou bebes muito/Estou certo que a ti também te disseram/Belas histórias que nem tretas/Então agora encontramos-nos na estrada/Com os nossos medos, as nossas angústias e as nossas dúvidas. (tradução livre)

Isso que relato de minha vivência no estrangeiro tem um engajamento especial com o que viria logo depois...

## DO TRAUMA À SOLIDARIEDADE

*Solidarity is like a miracle: it appears unexpectedly and vanishes without any reason. Solidarity is unpredictable, mysterious and capricious. Nobody knows the rules by which it is led. Nobody can foresee the time and place of its birth. And nobody is able to understand why it suddenly dies. Solidarity may show up in a hopeless situation, but it may also not show up in circumstances when everyone is sure it will. So maybe I expressed it in the wrong way. Solidarity is not 'like' a miracle. Solidarity 'is' a miracle.<sup>5</sup> (Owczarski & Cremasco, 2015, pp. 1-2)*

Em 2010 participei do *VII Annual Meeting of Social Theory Forum: Freud and Lacan for 21st Century* na University of Massachusetts, Boston de 7 a 8 de abril, com apresentação de trabalho em mesa redonda intitulado: *Overcoming trauma: current dialogues between psychoanalysis and critical theory*. Fui convidada a participar deste Congresso pelo Prof Dr Siamak Movahedi da UMASS, colega de longa data de Manoel Berlinck, que nos apresentou virtualmente por conta de minha pesquisa. Berlinck, como já dito, presidente da AUPPF, foi um grande incentivador para que eu fizesse meu pós-doutorado no berço da Psicopatologia Fundamental, a Paris VII e, inclusive, foi quem fez minha carta de apresentação de minha candidatura. Foi também quem generosamente me deu todo apoio, junto a uma amizade afetuosa, para que eu viesse e me mantivesse em Curitiba e aqui difundisse a Psicopatologia Fundamental, convidando-me, inclusive, a fazer parte da Diretoria da AUPPF desde que aqui cheguei. Serei eternamente grata a Manoel, sua partida deixou marcas profundas em todos nós da Associação, que sempre o teremos como um grande mestre.

Em minha participação neste Congresso em Boston, conheci o Prof Dr Wojciech Owczarski da University of Gdansk na Polônia que me fez um convite para em 2012, organizarmos um Congresso em sua universidade: *Solidarity, Memory and Identity Conference*. O Congresso foi um sucesso com mais de 400 pessoas de todo o mundo. Tive o privilégio de fazer a abertura do evento na presença de representantes do Partido Solidarnosc. Fomos convidados pela *Cambridge Scholars Publishing* a organizar a publicação dos trabalhos do evento no livro *Solidarity, Memory and Identity* que saiu em 2015. Os autores deste livro representam centros acadêmicos da África, Americas, Asia e Europa. São pessoas profundamente preocupadas com a luta contra as diferentes formas de discriminação.

O livro tem uma dimensão ética que analisa vários aspectos do conceito interdisciplinar de solidariedade e visa inspirar seus leitores a empreender esforços para ajudar vítimas da exclusão social, perseguição e crimes. Hoje penso o quão é também necessária essa discussão

---

<sup>5</sup> A solidariedade é como um milagre: aparece inesperadamente e desaparece sem motivo algum. A solidariedade é imprevisível, misteriosa e caprichosa. Ninguém conhece as regras pelas quais ela é liderada. Ninguém pode prever a hora e o local de seu nascimento. E ninguém é capaz de entender porque ela morre repentinamente. A solidariedade pode aparecer em uma situação desesperadora, mas também pode não aparecer em circunstâncias em que todos têm certeza de que aparecerá. Então, talvez eu tenha expressado isso da maneira errada. Solidariedade não é 'como' um milagre. Solidariedade 'é' um milagre. (tradução livre)

sobre a solidariedade neste ano mundialmente pandêmico e quão feliz me sinto por tê-lo organizado junto ao Prof Wojciech que se tornou além de parceiro um bom amigo. Neste livro também tenho um capítulo *Psychic Trauma and Memory* do trabalho que apresentei no evento.

A ida à Polônia levou-me a visitar, no dia de meu aniversário, os campos de concentração de Auschwitz-Birkenau. Para expressar o que senti, cito uma frase do Prefácio do livro 'É isto um homem?': "Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto da imaginação". (Lévi, *É isto um homem?*, 2013)

Essas experiências me marcaram de tal forma que me ajudaram a aprofundar meus estudos sobre o trauma e luto que fundamentaram os 20 capítulos de livros que produzi após 2012 e também, os 6 outros livros que organizei, além do citado *Solidarity*. O livro *Trauma, Traços e Memória* de 2013, é composto todo por produções de orientações na graduação e na pós-graduação em Psicologia sobre o tema do traumático e suas superações.

Ainda em parceria com Wojciech, organizamos na Universidade de Gdansk, em 2013, o Congresso *Dreams, Phantasms and Memories*, agora também em parceria com o Prof Dr Paulo Endo da Universidade de São Paulo (USP) e que havia estado aqui em Curitiba por ocasião do Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental de 2010 no qual fui presidente.

Como resultado de minha pesquisa de pós-doutorado tive publicado mais 3 artigos além do projeto publicado no *Latin Journal* em 2008, já citado: *A Superação do traumático: Diálogos entre a psicanálise e a teoria crítica na atualidade* na *Revista Polêmica da UERJ* (2010), *A Clínica Social em Situações Extremas: O Trauma na Dimensão Coletiva na Interação em Psicologia da UFPR* (2011) e *Quando a resiliência pode ser uma aposta para a psicanálise: ampliações clínicas do trauma e do luto* na *Revista Tempo Psicanalítico da USP* (2018). Além do livro *Solidarity* já mencionado em parceria com o Prof Wojciech (2015) no qual tenho o capítulo *Psychic Trauma and Memory*, organizei mais 2 livros, em co-autoria: *O Sofrimento Humano em Perspectiva: enfoques psicológicos* (2011) e o já mencionado *Trauma, Traços e Memória* (2013). Tive publicado mais 3 capítulos de livros, alguns em co-autoria com orientandos, relacionados diretamente ao meu trabalho de pesquisa sobre o traumático no psiquismo e a psicopatologia (*Considerações sobre a teoria do trauma psíquico em Freud e FÉrenczi* (2013); *Aspectos importantes do conceito de trauma em Ferenczi: o desmentido, a clivagem e alguns desdobramentos do trauma desestruturante na vida psíquica do traumatizado* (2013); *A clínica social em situações extremas: o trauma na dimensão coletiva* (2013)).

## DO RETORNO E DO ENTORNO À UFPR

O Pinheiro Feminino  
(...)  
sabes quando chega a hora de sair  
e uma imagem nua do que somos  
acompanha mesmo o peso das extremidades?  
(...)  
(Pequeno, 2020)

Em 2010, com meu retorno ao Brasil, a UFPR sediou e fui presidente, em parceria com o Prof Dr Vinicius Darriba, hoje docente da UFRJ, do Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental. Ainda em 2010 organizei o livro *Contribuições de Freud à Arte e à Cultura* (Ed Alínea) no qual no capítulo *Psicopatologia Fundamental e Psicanálise na UFPR: contribuições*

para um projeto curricular, faço a explanação de como, a partir da reformulação do currículo de Psicologia desde 2004, a Psicopatologia Fundamental passa a fazer parte do núcleo básico do subconjunto das ênfases tanto em Pesquisa quanto em Promoção de Saúde que desenvolviam competências e habilidades específicas na formação discente. (Cremasco, Psicopatologia Fundamental e Psicanálise na UFPR: contribuições para um projeto curricular, 2010). Em 2009, com nova reformulação curricular, Psicopatologia Fundamental e Psicanálise passar a ser do núcleo de aprofundamento com ênfase em Promoção de Saúde. Deixo assim um legado que considero importante na formação discente do Psicólogo pois a Psicopatologia Fundamental é o fórum transdisciplinar de discussão sobre o *pathos* humano no qual a dignidade do sofrimento é vista como própria à condição humana e não como algo a ser eliminado ou evitado, mas sobretudo, algo que pode trazer algum ensinamento quando se torna experiência compartilhada: é o *pathei matos* esquiliano, ‘sobre aquilo que o sofrimento ensina’, que está no centro dessas discussões.

No segundo semestre de 2010, fui convidada pela Sra Zelinda de Bona para dar assitência a um grupo de luto que ela coordenava e que há muitos anos utilizava o espaço cedido da universidade para fazer seus encontros. O Amigos Solidários na Dor do Luto (ASDL) existe há 19 anos e é um grupo da comunidade que oferece apoio de escuta para pessoas em sofrimento por perdas. Quando cheguei no grupo percebi que tinha muito a aprender, não imaginava que, eu como mãe enlutada também, encontraria ali um espaço de tanto acolhimento à palavra que suportava dores inenarráveis das mães que o frequentavam. O grupo não precisava de apoio profissional, ele se sustentava nos laços que as uniam pela dor e pela sobrevivência. Zelinda, hoje aos 83 anos, desde que a conheci, foi uma grande mestre em minha vida, um farol para os dias mais escuros. Ano passado a convidamos para falar no Seminário de Prevenção ao Suicídio para um público de mais de 500 pessoas. Todos se emocionaram com sua experiência, como acolhe o sofrimento com humanidade e empatia, com sua capacidade de nos dar esperança, com sua sensibilidade. Todos os dias, como aquele público, aplaudo-a em pé. Minha gratidão enorme pelo nosso encontro e amizade todos esses anos. Agradeço também especialmente às mães do ASDL que muito nos ensinam, a cada dia, a dignidade do sofrer e sua potência em nos transformar, tanto para melhor quanto pior e, essas fases, absolutamente não querem dizer nada a não ser que o processo do trabalho de luto, quando é traumático, pode nunca cessar. A questão é como lidarmos com a cripta que vive em nós. Zelinda nos diz: “Esquecer você nunca esquece. Você não perde ninguém. A pessoa continua sua, dentro do seu coração. Ela não vai estar mais por perto, mas ainda é sua. O que buscamos é recuperar a alegria de viver e cuidar de quem ficou” (Bona, 2008)

Por minha experiência com traumas, comecei a participar do grupo e, até hoje, temos uma profícua parceria que envolveu também a Profa Dra Joanneliese de Lucas Freitas, grande parceira, em um programa de extensão que coordenei O Luto e suas Interfaces (2014 a 2018), e os projetos de extensão Luto: vivências e possibilidades (2014-2018); Problemas Alimentares em Mulheres: um luto não realizado (2014-2015) e Qualidade de vida de familiares que perderam entes queridos nas Unidades de Urgência e Emergência, um ano após o óbito (2014-2018), este último coordenado pela servidora Tânia Madureira Dallalana do Hospital de clínicas da UFPR. O objetivo deste Programa foi integrar com a extensão as atividades de ensino e pesquisa em Psicologia, nas temáticas do luto e da morte, por intermédio de observações, ações e atendimentos clínicos às pessoas que vivenciaram a experiência de luto, sejam da comunidade acadêmica ou externa à UFPR.

Em 2012 eu registrei a pesquisa O Sofrimento das mulheres com problemas alimentares cujo objetivo era compreender o sofrimento psíquico subjacente aos problemas alimentares em mulheres, por intermédio de entrevistas, grupo terapêuticos e atendimentos clínicos. Nessa época eu dava aula de psicologia aplicada à saúde para o curso de Nutrição e o paradigma do trauma psíquico como impedindo a realização de processos de luto e aceitação de perdas durante a vida, mostrava-se profícuo na compreensão dos problemas alimentares, sobretudo em mulheres. Em 2014 realizei 2 grupos de estudos com minhas orientandas com o mesmo título da pesquisa e também realizamos um grupo para mulheres com problemas alimentares que nos trouxe uma experiência muito rica de escuta de seus sofrimentos. A relação de domínio da natureza mãe-filha instituída muito cedo, nos casos de transtornos alimentares, com a pobreza de investimento libidinal que ela subentende, onera aqui a passagem edipiana e suas possibilidades de introjeção pulsional ou não lhe deixa senão um espaço defensivo sem possibilidade real de introjeção-identificação. A hiperatividade e o controle, sintomas cardinais da anorexia mental, são uma defesa contra as potentes aspirações passivas mobilizadas pelo desejo e pelo medo (misturados) de um intrusão em si do objeto. Contra o fantasma de uma possessão pelo objeto materno a paciente opõe uma conduta desmetaforizante (comportamental, corporal): o transtorno alimentar. (Cremasco, Um Corpo Trans(f)tornado: o traumático em transtornos alimentares femininos, 2011). Essa pesquisa se relacionou e fez diálogo com o projeto de extensão Problemas Alimentares em Mulheres: um luto não realizado, ambos se encerrando em 2015 para então eu focalizar, a partir daí, tanto nas pesquisas quanto na extensão, a problemática do luto que claramente agregava vários outros temas de meu interesse e seus desdobramentos psicopatológicos, por exemplo, como em títulos já citados, além dos problemas alimentares e o envelhecimento, também a vitimização e a questão da estrangeiridade ligadas à vulnerabilidade psíquica pois “nesta condição, parte da própria identidade é perdida, uma perda que introduz o sujeito em uma espécie de luto diante do qual ele não será mais o mesmo” (Mallard & Cremasco, 2015, p. 131).

Em 2015 eu e a Profa Joanneliese organizamos o livro: Mães em Luto: A Dor e suas Repercussões Existenciais e Psicanalíticas (Ed. Juruá), fruto das pesquisas e da extensão desenvolvidas junto ao grupo ASDL. Neste livro tenho 5 capítulos em co-autoria com meus orientandos (O Suicídio e o Luto Materno; O Luto Patológico; O Luto para a Psicanálise; O Luto Materno; Considerações Psicanalíticas sobre a Morte de um Filho de Forma Violenta).

Ainda como produção deste tema do luto (no período de 2011-2020), que envolve os transtornos alimentares e estrangeiridade, tive 9 artigos publicados em co-autoria com orientandos (Mães que Perderam Filhos: uma Leitura Psicanalítica do Filme Rabbit Hole (2015); Estrangeiridade e Vulnerabilidade Psíquica: Algumas Contribuições Psicanalíticas (2015); De Onde Fala Um Psicanalista no Hospital? Reflexões sobre o luto, a psicopatologia fundamental e a ética (2016); Quando a Cirurgia Falha: Implicações da Melancolia na Cirurgia da Obesidade (2017); Viver sem o Objeto (2018); *Víctima y proceso penal: un diálogo necesario entre psicoanálisis y derecho* (2018); Entre morrer e existir: da falha na inscrição do autoerotismo aos impasses da passagem de menina a mulher na anorexia (2018); Luto na pandemia covid-19 com prof. Dra. Maria Virgínia Filomena Cremasco (2020); Christian Dunker: Lutos Finitos e Infinitos. O trabalho de dizer adeus (2020)).

Nesse mesmo período, além dos capítulos citados no livro organizado em 2015, Mães em Luto, publiquei mais 9 capítulos em outros livros, alguns em co-autoria (Um Corpo Trans(f)tornado: o traumático em transtornos alimentares femininos (2011); Angústia, desespero e morte:

narciso e o espelho partido (2012); O Paradigma da estrangeiridade (2013); Luto e identidade em tempos de incerteza no Oriente Médio: uma compreensão a partir da clínica ampliada (2014); Estrangeiridade e Vulnerabilidades em Estudantes em Intercâmbio (2017); Existir Enquanto a Morte Não Vem: aquilo que o sofrimento ensina (2017); Estrangeiridade e Vulnerabilidades em Estudantes em Intercâmbio (2017); Daquilo que (não) sabemos: das perdas à potência do amor (2017); Sobre o Luto: contribuições da psicopatologia fundamental (2019)).

Como outras produções desse mesmo tema deste período (2011-2020) tenho 4 textos/artigos em jornais, 1 curso em especialização, 28 palestras, participei da organização de pelo menos 30 eventos, participei de 12 eventos, 27 entrevistas na mídia, no mínimo 76 orientações (graduação e pós-graduação) concluídas, 1 de Mestrado e 1 de Doutorado em andamento. No mínimo participei de 55 bancas de trabalhos de conclusão (graduação e pós-graduação) .

Em 2015, como produção do programa de extensão e de nossas pesquisas, eu e a Profa Joanneliese iniciamos o que se repetiria anualmente como o evento do Dia de Prevenção ao Suicídio, para o setembro amarelo da UFPR. Em 2018, com a saída da Profa Joanneliese para pós-doutorado, encerramos o Programa de extensão e com a Prof Dione Maria Menz, que juntas já trabalhávamos neste tema e no das das toxicomanias, iniciamos o projeto de extensão Luto e Prevenção do Suicídio com o objetivo de realizar, de forma dialógica, ações educativas, formativas bem como instrumentos terapêuticos e pesquisas para a abordagem e tratamento do sofrimento psíquico relacionado aos estados de luto e comportamentos suicidas, sejam da comunidade acadêmica ou externa à UFPR. A metodologia de trabalho envolve diversos setores da atuação e visa desenvolver eventos e atividades formativas de extensão e ensino (disciplinas na graduação e pós graduação) sobre o tema do luto, suicídio e sofrimento psíquico, de acordo com as demandas apresentadas pelos públicos-alvo: educadores, profissionais da saúde, comunidade interna e usuários dos serviços de atendimento da rede pública e da UFPR ; oferecer atendimentos psicológicos às pessoas que apresentarem demandas, a ser realizado pelos alunos do quarto e quinto anos e do Mestrado em Psicologia, participantes do Projeto e supervisionados pelas coordenadoras; desenvolver pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado, pelos alunos envolvidos no Projeto e desenvolver estratégias de educação à distância como mediadora do processo de ensino e aprendizagem sobre o tema do suicídio e seus enfrentamentos.

Em 2019 realizamos junto com o evento de Prevenção ao Suicídio um curso sobre o tema em que tivemos mais de 400 pessoas. Temos realizado também palestras e cursos a pedido de escolas e instituições e nossos orientandos, meus, da Profa Joanneliese e da Profa Dione, têm sido multiplicadores atendendo às várias demandas da comunidade tanto interna quanto externa, que tem os tido.

Retornando ao tema da toxicomania que já trabalhava antes de minha saída para pós-doutorado e que o reassumo, estive no lançamento do Núcleo Interdisciplinar de Enfrentamento à Drogadição (NIED) em dezembro de 2012, ligado ao Gabinete da Reitoria sob coordenação da Profa Dra Araci Asinelli da Luz que coordenou o projeto de extensão A Prevenção como Princípio ao Enfrentamento à Drogadição na qual fui colaboradora nos anos de 2013-2014. Em 2014 fui supervisora do Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE) coordenado pela Profa Dra Dulce Bais, que é uma Política Pública de Formação Continuada de Professores, implementado pela Secretaria de Estado da Educação - SEED, em parceria com a



Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior - SETI, e com as Instituições Públicas de Ensino Superior - IES, do Estado do Paraná.

Neste mesmo ano, atuei no Edupesquisa como formadora no curso 'prevenção ao uso e abuso de drogas na escola', coordenado pela Prof Dione Menz, em parceria com as redes de Educação Básica, que objetivou propiciar o desenvolvimento profissional e acadêmico dos profissionais da educação por meio de investigações, realização de pesquisas, produção e publicação de artigos científicos, bem como a participação em estudos em ambiente virtual de aprendizagem (AVA) por intermédio do Moodle, concretizando um processo de articulação entre a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba (SME), as unidades educativas e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Neste mesmo ano fui membro da Rede de Pesquisa sobre Drogas da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) do Governo Federal: A rede de pesquisa foi criada a partir do estabelecimento de um Protocolo de Cooperação entre Brasil - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), e Portugal - Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT). A Rede de Pesquisa propicia a convergência de informações e dados, permitindo maior interatividade entre os pesquisadores ou grupos de referência temática, criando um espaço de discussão de questões relevantes para o aprofundamento do conhecimento sobre álcool e/ou outras drogas e para a realização de investigações científicas. O NIED foi formalizado como projeto de extensão na Pró Reitoria de Extensão e Cultura em 2016, sob minha coordenação (2016-2017) e da Prof Dione Maria Menz (2018-2019), grande amiga e parceira, quando fui coordenadora ela foi minha vice, nos 2 primeiros anos e vice-versa nos 2 últimos anos. Em 2020 a coordenação do NIED passou para os Profs Drs Marcelo Kimati Dias e Dulce Dirclair Huf Bais. Desde sua estruturação o NIED preocupou-se com a interdisciplinaridade e buscou fazer articulação entre os diferentes segmentos, em especial as instituições governamentais que atuam na gestão e os espaços mediadores das decisões políticas relacionadas ao tema. Neste sentido, nestes 4 anos (março de 2016 a março de 2020) desenvolveu capacitações, eventos, discussões, apoio e ações articuladas com diferentes atores, dentre os quais destacam-se: Assembleia Legislativa do Paraná, Diretoria de Política sobre Drogas de Curitiba, Secretaria Estadual de Saúde do Paraná, Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania, Juizados Especiais de Curitiba, Associação de Moradores e Comerciantes do entorno da UFPR (AMAAS ), Projeto Propulsão Marista, Centro Judiciário de Conflitos e Cidadania Criminal da Região Metropolitana de Curitiba (CEJUSC) e Conselho Regional de Psicologia (CRP). Desta forma, o NIED qualificou-se como espaço ético político comprometido com práticas interdisciplinares, intersetoriais e multiprofissionais, no intuito de fortalecer a Rede de Atenção Psicossocial, o cuidado em liberdade, os Direitos Humanos e os princípios do Sistema Único de Saúde.

Preocupado com a educação continuada dos trabalhadores vinculados a esse cuidado em 2015 o NIED operacionalizou o Centro Regional de Referência em Políticas Sobre Drogas-UFPR (CRR) na Coordenadoria de Políticas Sociais da Pró Reitoria de Extensão e Cultura. Fomos contempladas no Edital de 2015 da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) para formação de CRRs nas universidades federais e, posteriormente, com Emenda Parlamentar em 2018. O CRR foi registrado também como meu projeto de pesquisa em 2015. Oferecendo 2 edições formativas, em 2016 e 2018. Cada um destes processos formativos foi composto por 4 módulos de aprendizagem, totalizando uma carga horária de 240 e 200 horas respectivamente, qualificando 700 pessoas. Destaca-se que o CRR está vinculado ao

Laboratório de Psicopatologia Fundamental, Grupo de Pesquisa da Plataforma do Lattes do CNPq, configurando-se desta forma como a vertente de pesquisa do NIED.

Desde seu início o Projeto desenvolveu encontros e eventos com a comunidade, chegando a marca de 29 encontros mensais do “Ciclo de Debates”, entre 2016 e 2019. Para cada um destes momentos convidou profissionais das diferentes áreas do conhecimento que atuam nas políticas sobre drogas, e, através da metodologia de rodas de conversa, refletiu sobre diferentes temas que fazem interface com a drogadição, com uma média de 30 participantes por encontro. Os relatórios anuais do NIED (2016 a 2019) demonstraram o alcance dos seus objetivos, tendo-se oferecido, na vigência do projeto, ações de ensino, pesquisa e extensão às comunidades interna e externa da UFPR. Destaca-se que a comunidade interna pode utilizar a Carga Horária certificada pelo NIED às ações formativas, e/ou extensionistas previstas nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, e que as atividades desenvolvidas pelos estudantes, como: oficinas, seminários, grupos ou atendimento individual sempre estiveram orientadas por docentes vinculados ao projeto.

Como produto do CRR organizamos o livro *Formação em Políticas sobre Drogas* pela Editora da UFPR, em dezembro de 2019. (Cremasco & Menz, *Formação em Políticas sobre Drogas*, 2019) no qual também tenho um capítulo *Psicopatologia Psicanalítica e Clínica da Toxicomania*. Estamos organizando seu lançamento para este semestre pois a pandemia nos pegou de surpresa e tivemos que adiar o evento que estava programado para março deste ano.

Neste mesmo ano de 2019 também publiquei um capítulo sobre *O que Pode a Psicanálise no Tratamento das Toxicomanias*, em co-autoria com Mariana Pereira da Silva Schreiber e Shana Nakoneczni Pimenta, em um livro de meu GT da ANPEPP, com apoio da FAPERJ, organizado por mim e pela Profa Dra Monah Winograd (Winograd & Cremasco, 2019).

Eu e Profa Dione estivemos também como representantes da UFPR nos Conselhos Municipal e Estadual de Políticas sobre Drogas entre 2015 e 2019. Deste período de 2011 a 2020, associado ao tema das toxicomanias, além da organização do livro e do capítulos já citados produtos do CRR, e do livro organizado e capítulo com meu grupo da ANPEPP, tive como produção: 1 livro em co-autoria com orientanda Luciana Mara Finger (*O Adolescente e a Medida Socioeducativa de Internação: um encontro com a psicanálise* (2014)), 1 artigo (*Clínica da toxicomania: uma expressão melancólica?* (2011)), 1 capítulo de livro (*Psicopatologia Psicanalítica e a Clínica da Toxicomania* (2019)), 42 organizações de eventos, 7 bancas de conclusão (graduação e pós-graduação), 9 entrevistas na mídia, no mínimo 20 participações em eventos, 6 orientações concluídas e 5 de Mestrado em andamento. Neste ano ainda sairá mais um capítulo ‘Políticas públicas e psicanálise: prevenção e tratamento de dependentes químicos’ na coletânea *Tática, Estratégia e Política em Psicanálise* organizada por Patrizia Corsetto.

Desde meu retorno em 2011 atuei na pós-graduação em Psicologia na linha Psicologia Clínica tendo lecionado as disciplinas de Metodologia de Pesquisa Científica, Seminário de Pesquisa em Psicologia, Seminário Teórico-Metodológico em Psicologia clínica II. Nesse período tenho 14 orientações concluídas de Mestrado, 6 em andamento e 1 de Doutorado em andamento. Com minha orientanda da Doutorado está para ser publicado o livro *Luto Materno na Clínica Psicanalítica* pela Editora Juruá, ainda em julho.

Até este momento agreguei minhas memórias e produções de forma temática. Iniciei com a sexualidade humana que se estendeu e fundamentou, com a psicanálise, os estudos que vieram posteriormente sobre toxicomania, trauma psíquico e resiliência, luto e prevenção ao suicídio. Percebo hoje como esses temas foram deslizando em uma lógica interna que fez

parte de meu processo de amadurecimento da compreensão sobre eles. Para mim, hoje é claro como a sexualidade, enquanto constituinte do eu e suas expressões existenciais que refletem os desejos e suas escolhas, está na base psicopatológica da subjetividade e como a toxicomania é uma resposta ou tentativa de cura aos traumas psíquicos. O tema da resiliência nos oferece subsídios teóricos para refletir criticamente sobre possibilidades ampliadas para a clínica dos traumatizados, bem como para os sujeitos em estados complicados de luto, que se posicionam melancolicamente diante da vida. A importância deste conceito é ampliar a visão de vulnerabilidade apenas centrada nos fatores de risco, como são os eventos traumáticos, para uma articulação psicodinâmica que desenvolva aspectos psíquicos protetivos e defensivos do sujeito inserido no social, pois o que permite reatar o vínculo social tem potencialidade de representação do golpe e, com isso, de desenvolver a resiliência. (Cremasco, Quando a resiliência pode ser uma aposta para a psicanálise: ampliações clínicas do trauma e do luto, 2018).

Como sintetiza Lacan: “(...) se, de fato, é de um problema de luto que se trata, eis que vemos entrar, por intermédio e ligado ao problema do luto, o problema do objeto” (Lacan, *Le désir et son interprétation*, 1959, p. 29), Com isso, foi bastante difícil fazer este agrupamento temático pois reconheço que muitas vezes os temas se superpõem e se entrecruzam na relação do sujeito com o objeto: a toxicomania e o suicídio, por exemplo, tema de uma de minhas mestrandas hoje. Ou a compulsão alimentar e as toxicomanais, os traumas com as toxicomanias, como aparecem em outras produção. Nesses casos optei por agrupar segundo as principais características internas e conteúdo do produto mesmo que em diálogo de interface com os outros temas. Fora desses grandes temas que organizaram minha produção outros estiveram presentes, sempre associados ao organizador mestre que poderia ser intitulado Saúde Mental. Por conta disso fui convidada em 2016 a prefaciá-lo livro *Os Psiquiatras do Século XIX: suas contribuições na clínica psicanalítica da atualidade*, organizado por Dayse Stoklos Malucelli e Rosângela Nascimento Vernizi, pesquisadoras do LPF-UFPR.

Dei aula de Psicopatologia em cursos de especialização em psicanálise, psicologia clínica e do trabalho. Fui banca de vários trabalhos, tanto de graduação quanto de pós graduação em temas variados da Psicologia, participei de entrevistas na mídia de temas da atualidade, eventos e outras parcerias que se mostravam frutíferas aos meus interesses acadêmicos ou despertavam meu desejo pessoal.

#### **DA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA PARA ALÉM DA UFPR**

“Melhor sentinela é não ter portas”.  
(Couto, *Terra Sonâmbula*, 2007, p. 17)

Em 2014 aceitei o desafio de fazer parte da gestão do Prof Dr Zaki Akel Sobrinho e do Prof Dr Rogério Andrade Mulinari, a convite da Profa Dra Lara Picchioni Thielen, então coordenadora da extensão e da Pró Reitora de Extensão e Cultura, Prof Dra Deise Picanço, a assumir a gerência de programas e projetos de extensão. Minha experiência com extensão me dava subsídios para iniciar o trabalho de creditação da extensão que naquele ano constou no Plano Nacional de Educação como a estratégia 7 da Meta 12: “assegurar, no mínimo, dez por cento do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande

pertinência social.” (Brasil, 2014, p. 74). Nesta gestão iniciamos as discussões a respeito da creditação.

A creditação da extensão universitária não é a sua disciplinarização como parte do currículo. Representa, sobretudo, a superação da compartimentalização dos saberes disciplinares e da massificação da sala de aula. Creditar não é disciplinarizar. Trata-se, sobretudo, de definir, com a creditação, uma política de extensão na UFPR que promova a melhoria da formação cidadã de todos os envolvidos com base nos cinco princípios que a definem. Na UFPR constatamos várias experiências exitosas de integração de Programas e Projetos como parte da formação dos estudantes, revelando que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão já era uma realidade e reafirmava a viabilidade da creditação. Em 21 de agosto de 2015, pela Portaria nº 1971 do Gabinete do Reitor, foi designada “comissão responsável pela proposta institucional de creditação de extensão”, presidida por mim e composta por membros do CEPE, entre eles, o Presidente do Fórum de Coordenadores de Curso de Graduação e Educação Profissional, e representantes das Pró-Reitorias de Extensão e Graduação. Das atividades já realizadas pela PROEC, desde 2015 e pela comissão, a partir de sua implementação, destacam-se: apresentação dos fundamentos e estratégias da creditação para o Fórum de Coordenadores; reunião sobre Licenciatura na Coordenação de Políticas de Formação de Professores (COPEFOR/PROGRAD); reunião com Coordenadores de Cursos de Graduação; reunião com representantes do Conselho de Representantes da Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná (APUFPR-CRAPUFPR); apresentação dos trabalhos da comissão no FORPROEX SUL; apresentação para o Centro de Estudos do Mar (CEM); reunião com APUFPR; debate no CRAPUFPR; realização de questionário institucional para mapeamento dos programas e dos projetos de extensão nos cursos de graduação. Foi inserido no site da PROEC um *link* sobre creditação da extensão, com um e-mail institucional para dúvidas e sugestões. Foi realizado no dia 2 de setembro de 2016, o Seminário sobre Creditação da Extensão nos Cursos de Graduação da UFPR, que reuniu a comunidade acadêmica para amplo debate sobre o tema e apresentação dos resultados do diagnóstico institucional, e durante o qual foram realizados grupos de trabalho com os participantes que, ao final, apresentaram elementos para fundamentar as bases da proposta de Resolução (Cremasco, Thielen, & Picanço, Fundamentos para uma proposta de creditação curricular de extensão na UFPR, 2016). A minuta elaborada em 2016 não seguiu para a apreciação dos conselhos superiores, e serviu de base para que de 2017 a 2020, com a nova gestão, mais pessoas pudessem participar do debate e da construção da creditação própria da UFPR.

Em 2014, pela PROEC, foi coordenadora na UFPR do Projeto ‘Desenvolvimento de processos inovadores para a formulação de políticas públicas de voluntariado em Megaeventos’ em parceria com a Universidade de Brasília, para a capacitação presencial de voluntários para o megaevento esportivo “Copa do Mundo” realizado em junho de 2014. Toda a Coordenadoria de Extensão se envolveu nesse trabalho nos dias em que recebemos os voluntários. Como produção desta participação dei seis entrevistas na mídia e apresentei o trabalho ‘Desenvolvimento de processos inovadores para a formulação de políticas públicas de voluntariado em Megaeventos na UFPR’ na Semana Acadêmica da UnB em 2014.

Em 2014 também estive à frente da organização do 32º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul – SEURS, junto com a Profa Dra Iara Picchioni Thielen e a ajuda impagável de Ivanise do Rocio, em parceria com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR e a Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. Considerando o debate realizado nos últimos

eventos nacionais e internacionais de extensão universitária, consubstanciado na proposta do Plano Nacional de Educação – PNE, propondo a integração e articulação efetiva da extensão com os cursos de graduação, o 32º SEURS teve como tema "A extensão nos cursos de graduação: creditação, curricularização e integração". Além do debate sobre o tema central do evento, o SEURS se configurou como espaço de aprendizagem e de intercâmbio de conhecimentos e metodologias entre extensionistas das universidades públicas da região sul, por meio de minicursos, oficinas, comunicações orais e apresentações culturais, promovendo também a integração dos participantes e das universidades com a comunidade. Inspiradas no espírito do fandango, as instituições organizadoras do seminário convidaram as universidades públicas da região sul a participarem deste evento e receberam as suas delegações.

Em 2015, assumi a coordenação substituta da Coordenadoria de Políticas Sociais (CPS) da PROEC, com a saída do Prof Leandro Gorsdorf para Doutorado no exterior. À frente da CPS participei a convite do Prof Mulinari da formação do programa Conte Conosco – iniciativa pioneira da UFPR com o objetivo de coibir a violência e a discriminação dentro do ambiente acadêmico por um canal para denúncias e relatos de episódios de discriminação ou violência. Entre outras ações, a proposta disponibilizava uma plataforma virtual que funcionou como grande ambiente onde pessoas que se sentem vítimas da discriminação e da violência podiam se encontrar com especialistas e pesquisadores preparados para lidar com as diversas frentes que a problemática pode gerar. Com a colaboração de mais de 20 entidades envolvidas com questões de gênero, direitos humanos e promoção da igualdade racial, foi-se delineando o Conte Conosco. Este programa foi fundamental para que a UFPR tenha conquistado em 2015 o selo Pró-Equidade de Gênero e Raça do Governo Federal em parceria com a ONU. A UFPR foi a única instituição de ensino superior do país contemplada nesta edição. Tenho seis entrevistas na mídia fazendo a divulgação e esclarecimentos desse Programa.

Desde 2014 participo ativamente pela PROEC da organização da Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE). Este evento anual é promovido para divulgar as atividades e programas acadêmicos coordenados pelas diferentes Pró-Reitorias da UFPR, sendo o maior evento interno de nossa comunidade. O ENEC, Encontro de Extensão e Cultura dentro da SIEPE, representa um espaço de intercâmbio de conhecimentos e experiências, com o objetivo de promover a socialização dos programas e projetos de extensão desenvolvidos na UFPR e que reflitam sobre os impactos das ações extensionistas. Um momento de prestação de contas para com a sociedade dos impactos trazidos na vida cotidiana dos envolvidos nas atividades de extensão. Em 2019, a COEX propôs um formato diferenciado para o ENEC, contemplando apresentações orais, rodas de conversas, estandes e oficinas, visando abraçar toda a diversidade de atividades e ações de extensão realizadas pelos programas e projetos da UFPR, dando mais liberdade e autonomia aos coordenadores e coordenadoras apresentarem os seus reais produtos, buscando assim uma inovação nas apresentações e no relacionamento com a comunidade interna e externa.

## **UM DOM, UMA FORÇA QUE NOS ALERTA...**

Marias

“ (...) Maria é, hoje em dia, a divindade mais adorada e milagrosa do mundo. Eva tinha condenado as mulheres. Maria as redime. Graças a ela, as pecadoras, filhas de Eva, têm a oportunidade de se arrepender.

E foi isso que aconteceu com a outra Maria, a que aparece nos santinhos, aos pés da cruz, ao lado da imaculada.  
De acordo com a tradição, essa outra Maria, Maria Madalena, era puta e virou santa.  
Os crentes a humilham perdoando-a.” (Galeano, 2019, p. 221)

Em 2017, com o início da gestão do Prof Dr Ricardo Marcelo Fonseca e da Profa Dra Graziela Buzon, a convite do Pró Reitor de Extensão, Prof Dr Leandro Gorsdorf, assumi a coordenadoria de extensão da PROEC (COEX), cargo que ocupo até hoje. As perspectivas para a Creditação da Extensão na UFPR, até então estruturadas pela COEX/PROEC (2014-2017), foram apresentadas por mim e debatidas junto ao 48º FORPROEX Sudeste, realizado em Belo Horizonte, em março. Em junho de 2017 a vida ganharia outras cores, outros sons, outros sentidos com a chegada de Maria. Quando, naquela tarde do dia 27 chega meu filho no quarto do hospital caminhando vagorosamente e segurando com tanto aconchego e cuidado aquela de quem não tiraria o olhar durante horas, hipnotizado que estava por aquele ser cor-de-rosa que embalava: penso que esta cena e sua beleza, nunca sairão de minha memória. Meu filho estava encantado por sua filha e eu, ao vê-los, era como se toda a existência se justificasse para que eu estivesse ali, ‘decorando’, mais uma vez, minha vida com emoção<sup>6</sup>. Neste momento penso que este Memorial deveria vir seguido de imagens, as palavras nunca darão conta do vivido. Nem as imagens, agora reflito melhor, mas talvez com elas eu pudesse mostrar mais do indizível: que coisa séria é isso de memórias, que privilégio é poder tê-las, que privilégio é ter podido viver para tê-las e poder delas me lembrar.

Neste ano Maria fez 3 anos. E não pude estar. Não só porque moram a mais de mil quilômetros de distância, mas porque ninguém poderia estar. A realidade da pandemia nos trouxe outras realidades que parecem ficção: nossos corpos próximos são ameaça mesmo aos que tanto amamos. E tivemos uma festa virtual: os celulares e dispositivos conectados na hora do parabéns, ela em *live* mostrando o quanto gosta desses momentos, cantando e dançando o parabéns a si mesma com despreendimento do que quer que esteja acontecendo lá fora – seu dentro em festa, porque seus pais, tão cuidadosamente prepararam uma linda festa, com alegria e beleza, no tema de abelhinha que ela tanto queria, para festejarem seu nascimento. Ela, linda, em vestido temático, brincava como tem que ser o direito de uma criança de 3 anos fazer: brincar de viver!

As abelhas vieram pelo mel  
As flores faziam gozação  
Levantando o próprio véu  
Para o grande dia  
O sol sorria  
- nascer pela segunda vez –  
(Kaur, O que o sol faz com as flores, 2019, p. 10)

Conto isso de minha neta com emoção, não só por tanto amá-la e dela sentir tanta saudade, mas também porque sei que, com privilégio, Maria cresce com condições que a maior parte de nossas crianças não possuem e espero que, para ela e para todas as crianças de hoje, que o futuro a ser construído não só seja uma esperança do melhor mas seja de uma realidade mais

---

<sup>6</sup> Decorar aqui ao mesmo tempo que para mim significa embelezar, também tem o sentido de gravar, tornar e-terno. Em francês talvez adquira o sentido mais próximo do que gostaria de expressar com ‘conhecer decor’, *par coeur*, com o sentido de reter na memória e no coração.

igualitária. A pandemia chega dizendo a nossos corpos que todos podemos ser afetados, mas, claro, ela não é democrática pois se insere numa diferença social radical e mundial, em que os corpos menos valorizados serão os mais afetados, mais infectados, serão os que mais morrerão por qual motivo seja porque não lhes permitem ser cuidados socialmente, são os que continuarão a pagar o maior preço da desigualdade enquanto nada for feito para que isso mude. Quando Maria nasceu eu pensei qual futuro a aguardava. Nunca imaginei que ela, e tantas outras crianças, teriam pela frente uma era de epidemias, como hoje sabemos a ciência nos diz. Nunca imaginei também nada disso que estamos no momento passando, às vezes me sinto como numa ficção mesmo. E com isso retorno à importância do que estamos fazendo, em nossas universidades, pelo social. A extensão se insere nessa realidade com toda sua força de transformação, seu poder de diálogo com as demandas complexas da realidade e de construção de respostas que lhe sejam viáveis no agora e multiplicadoras para o futuro.

A partir de abril de 2017 a PROEC designou para a COEX uma nova Unidade de Creditação sob gerência inicialmente da Profs Dione Maria Menz (2017) que iniciou diagnóstico, debates nos setores e por intermédio de seminários temáticos e, posteriormente, do Prof Dr Dornelles Vissotto Júnior (2018), para a implantação do processo de creditação da extensão na UFPR. Uma das tarefas da nova Unidade foi retomar as atividades da Comissão de Creditação da Extensão UFPR que não estava mais vigente. Em 21 de novembro de 2018 foi instituído oficialmente o Grupo de Trabalho sobre Curricularização da Extensão na UFPR pela Portaria Nº 27/2018. O desafio atual da UFPR na creditação da extensão nos cursos de graduação é tornar possíveis as ações transformadoras de ensino, pesquisa e extensão, que visem uma ampliação necessária da democratização dos saberes institucionais que, em contrapartida, transformarão criticamente a universidade. O que se pretende com uma política de creditação é tornar não apenas a formação integrada, mas, sobretudo, tornar o exercício docente uma atividade integrada e integradora que reafirme a importância social dessa tarefa (Cremasco, Reimer, & Gorsdorf, Fundamento para a minuta de creditação curricular da extensão na UFPR, 2020). O trabalho desenvolvido até então será publicado como capítulo de livro pelo Projeto Mutirão Mais Cultura, este ano.

Desde 2019, os editais de apoio e recursos para a extensão de programas e projetos foram para ações que estivessem voltadas para áreas de grande pertinência social e que dialogassem com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas no Brasil (ONUBR), que reconhece que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Cada proposta de plano de trabalho, a partir de então, deve indicar a quais áreas temáticas da Extensão se associam e explicitar quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) irão atingir.

Em 2020, com a pandemia, as bolsas de extensão foram direcionadas para atividades de extensão em caráter remoto, favorecendo que nossos discentes pudessem continuar realizando ações com subsídios e em consonância com as orientações da Comissão de Acompanhamento e Controle de Propagação do Coronavírus na UFPR. Oferecemos também bolsas para ações que possuíssem um caráter de mobilização e de impacto sociais voltados ao enfrentamento à pandemia pelo COVID19 ou para as pessoas em condição de vulnerabilidade, agravada no atual momento. Realizamos uma chamada para divulgação das ações extencionistas diretamente ligadas à pandemia para que a comunidade interna e externa soubessem o que tem sido desenvolvido, tanto para que as parcerias temáticas ou territoriais

puddessem ter maior sinergia, quanto para que a população soubesse onde e com quem achar o que demandava.

No começo da pandemia, em parceria com as Profs Lis Andrea Soboll, Dione Maria Menz, Sabrina Stefanello, Joanneliese de Lucas Freitas e Ana Paula Viezzer lançamos o Projeto “Você Importa: cuidando de si e do outro” com o propósito de oferecer espaços solidários, sustentados no trabalho colaborativo e no diálogo coletivo, como um recurso de apoio em tempos de crise. Por meio de canais não-presenciais e remotos, de forma acessível, interativa e dinâmica, este programa oferece suporte e acolhimento emocional para a comunidade UFPR e, em algumas das ações, também para comunidade externa. A iniciativa é do Programa ConVIDA, coordenado Pela Profs Dra Lis Andrea Soboll e vinculado ao Gabinete da Reitoria da UFPR, em parceria com várias outras instâncias internas, envolvendo técnico-administrativos, docentes e alunos de graduação e de pós-graduação da universidade, contando igualmente com a participação de egressos e profissionais parceiros externos, contemplando contribuições da área de saúde, psicologia, educação e comunicação (Soboll, Cremasco, Freitas, & Stefanello, 2020). Tenho 4 entrevistas na mídia associadas a este projeto.

Em 2020, aprovamos também o projeto de extensão ‘Coordenadoria de Extensão da UFPR (COEX): espaço dialógico de saberes, formação e integração de experiências extensionistas’ sob minha coordenação e do Prof Dr Dornelles Vissotto Júnior, no qual também participa toda a equipe da COEX, com o objetivo de atender à demanda da comunidade UFPR e de outras IES quanto à formação na/para Extensão Universitária visando o incremento e a valorização transformativa das ações extensionistas na universidade. A metodologia está baseada em instrumentos e espaços de formação e compartilhamento de experiências, em que seja possível debater e elaborar alternativas de ação transformadora de forma construtiva, com base na troca de saberes e no respeito às especificidades de áreas de conhecimento, cursos e pessoas. Espaços em que se construa a cultura do trabalho coletivo e compartilhado, favorecendo a interdisciplinaridade, a indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a criação de redes de atuação. Pretende-se, com isso, que os ministrantes e participantes das ações vivenciem as características e princípios da extensão, possibilitando a integração da teoria com a prática, e a visualização do conceito de sala de aula ampliada preconizada pelo FORPROEX. As ações estarão articuladas à pesquisa-ação.

Como ações da COEX que estive à frente com minha equipe nesse período de 2017 a 2020, posso citar a reformulação da política extensionista com a nova Resolução da Extensão (57/19 - CEPE); a integração de dados com o ensino e a pesquisa por intermédio da implantação do Sistema de Gestão Acadêmica (SIGA\_Extensão); a melhoria dos instrumentos de distribuição de bolsas estruturados e formalizados por meio de sistema eletrônico verificável; o estabelecimento da política de fortalecimento da Extensão, cuja iniciativa, gerou um investimento de mais de 1 milhão de reais do orçamento da UFPR nos anos de 2019 e 2020, em apoio contínuo às atividades extensionistas; a consolidação do trabalho conjunto PROEC/PROGRAD em uma comissão que formulou uma nova Minuta de Resolução para a Creditação da Extensão que está para aprovação no CEPE; a valorização da experiência dos extensionistas já aposentados com a implantação inédita do Programa de Bolsa Sênior em 2018; a criação de um Programa de Formação em Extensão e estímulo aos docentes na plataforma UFPR virtual; a articulação entre PROEC, PROGRAD (Pró-reitoria de graduação), e PRPPG (Pró-reitoria de pesquisa e pós graduação), para a definição de uma Política de Formação discente, com base em nova estrutura pedagógica; fortalecimento da articulação



com as demais instâncias da UFPR, FORPROEX (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras), e o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Planejamento e de Administração das Instituições Federais de Ensino Superior (FORPLAD) para a inclusão da extensão na Matriz Orçamentária.

## **SOBRE MEMÓRIAS QUE VALEM A VIDA**

Ofertório

Comei e bebei!  
estas palavras são meu corpo  
nem alegre, nem triste  
só um corpo  
Comei e bebei!  
Nestas palavras minh'alma  
talvez a mais próxima  
de um revoar de sonhos  
Mas se este ofertório  
te parece pouco,  
ide ao verso-reverso  
onde o nosso sudário  
continua exposto  
(Graúna, 2020)

Nesses 18 anos de UFPR, além da produção já citada anteriormente, participei de 36 comissões internas, 36 bancas de comissões julgadoras internas e externas e sou do corpo editorial de 6 revistas científicas. Desde 2017 sou coordenadora dos Projetos PIBEX e PIBIS da Fundação Araucária do Paraná, tendo sido responsável pelo PROEXT do Ministério da Educação nos anos de 2017-2018.

Em março de 2019 fui Homenageada da Comunidade Acadêmica na IX Edição do Evento Mulheres Paranaenses do Centro Universitário Autônomo do Brasil (Unibrasil) ao qual faço um agradecimento público em nome da Profa Dra Wanda Camargo, assessora da presidência da Unibrasil. Esta homenagem desperta em mim minha gratidão aos meus pais, João e Marlene, que de diferentes formas marcaram minha vida e sempre estiveram, fisicamente longe e amorosamente perto, presentes e torcendo por todas minhas realizações. Essas vibrações amorosas são, com certeza, a energia diária que me abastece a cada jornada e me ajuda a vencer cada batalha.

Faço um agradecimento especial também a Ernesto Brandalize Neto e o estendo à toda sua família que sempre me apoiaram, desde 2005, em todas minhas conquistas pessoais e profissionais. Ernesto para sempre estará presente em minhas memórias como alguém que, de forma muito especial, durante 14 anos de união me impulsionou e despertou em mim as forças que eu precisava para acreditar e realizar tudo o que fiz: ele sempre soube e, enquanto pôde, sempre me disse, que eu conseguiria alcançar o que eu desejasse.

Na ocasião desta homenagem, fui convidada pela Profa Graciela Santujá da Unibrasil, a prefaciar um livro de poesias e contos que, na época, parecia-me impossível ter a distância profissional suficiente para poder realizá-lo: 'E se os felizes não for para sempre?' Conseguir fazer este prefácio, cujo livro será lançado no próximo 7 de agosto, passar por aquela homenagem no ano que completei 50 anos, mudar de analista para que eu me escutasse de outra forma e me reinventar após 2019, foi permitir que a fênix simbolicamente atuasse em

mim. Tive fortes e amorosos laços que me permitiram essa passagem-transformação. Talvez seja injusta por não poder citar todos os nomes mas alguns necessariamente os digo porque preciso ser fiel às minhas memórias afetivas: Dione Maria Menz, Débora Patricia Nemer Pinheiro, Iara Picchioni Thielen, Deise Cristina de Lima Picanço, Tatiana Assadi, Wael de Oliveira, Monah Winograd, Débora Fernandes Coelho, Sandra de Deus, Josete Czerny (*in memoriam*), Flavi Ferreira Lisbôa Filho, Edson Ribeiro Alvares, André Félix Rodacki e Luiz Julio Riggio Tambaschia (*in memoriam*). Minha gratidão eterna também a Walter Grassi Júnior, pai de meu filho, cuja união após 12 anos de casamento, estendeu-se até hoje numa valiosa amizade ‘mupiana’ que será sempre meu norte nos dias de piores ventos (assim também foi em 2019). E tem alguns que surgiram, tal qual entidades metafísicas, que nunca saberei o nome e, possivelmente, nunca mais os verei, mas que em momentos em que a força gravitacional da dor era tanta que nenhuma luz podia lhe escapar, houve uma espécie de resgate de mim mesma pela força de outra pessoa: em Brasília, há um ano, fui conduzida a alguns lugares que tiveram o poder de restaurar meu sistema operacional, para ser mais exata, voltar-me para o que realmente vale a vida.

Sim, eu deveria consultar o adivinho. Só ele podia saber do tal recantinho, coisa de eu guardar meus sonhos.(...) *-Este lugar existe mas sofre de lonjura comprida.* Foi o dito do curandeiro. *-O problema não é lugar, disse, mas o caminho.* *-O caminho, perguntei?* Disse que havia duas maneiras de partir: uma era ir embora, outra era enlouquecer. Meu pai escolhera os dois caminhos, um pé na doidera de partir, outro na loucura de ficar. *Por isso eu digo: não é o destino que conta mas o caminho.* (Couto, Terra sonâmbula, 2007, p. 31)

Um trabalho lento e doloroso de luto que se instalou em 2019, parece que encontrou bons caminhos também com muito trabalho. No mesmo mês em que completei 50 anos, setembro de 2019, foi publicado um capítulo no livro ‘Psicanalistas do século XX’ (Ed. Aller), organizado por Dayse Stoklos Malucelli e Rosangela Nascimento Vernizi que me convidaram a escrevê-lo e que muito me honrou – ‘Para além da técnica com Pierre Fédida: a clínica psicanalítica’. Foi um desafio muito grande pois para mim tratava-se, sobretudo, de uma espécie de homenagem ao pai da Psicopatologia Fundamental. Ser convidada a fazê-la foi também um grande presente para mim, que tive que me autorizar como escritora a realizar e que se completa com a escrita desse Memorial. Rever meu percurso acadêmico que compôs a maior parte de tempo de minha vida até então, foi um desafio e uma conquista subjetivas. Ao mesmo tempo, olhando para tudo, penso no que disse este ano na entrevista a José Nunes: ‘Gostaria de ter mais tempo... tempo para ler mais poesias e literatura, além das leituras mais técnicas que sempre me dedico pois tenho grande paixão pela leitura, pelas palavras e gostaria muito de ter mais tempo para me dedicar a isso. Apesar de meus projetos serem todos de intervenção social (luto e prevenção do suicídio; drogadição; psicopatologia e saúde mental), gostaria de poder me dedicar mais a um grande projeto transdisciplinar de mudança significativa em políticas públicas para o Brasil, para uma real mudança dessa nossa realidade tão desigual para seu povo. Essa é minha utopia como desejo de criação’. Talvez seja essa minha insistência no direito de sonhar, de me manter faminta do novo, da mudança.

Esse período de gestão me ensinou muito sobre gerenciamento de pessoas, articulação de parcerias, processos operacionais, manejo e gestão de recursos internos e com órgãos de fomento, controle e avaliação de processos e de pessoal. Tarefas que eu nunca antes

imaginava que poderia estar à frente pois sempre me via no papel de ‘fazedora’ mas nunca de gestora. Aprendi muito, aprendo a cada dia e sou muito grata à toda equipe que esteve comigo nesses quase 7 anos: aos pró-reitores de extensão e cultura, Profs Dra Deise Cristina de Lima Picanço (2014-2016) e Prof Dr Leandro Franklin Gorsdorf (2017-2020); à equipe do Gabinete PROEC (2014-2020); do Financeiro PROEC (2014-2020); da Coordenadoria de Políticas Sociais (2015); da Coordenadoria de Cultura (2014-2020); do MAE (2014-2020); da Editora UFPR (2014-2020); da Unigraf (2014-2020); as terceirizadas no trabalho da cozinha e da limpeza (2014-2020) e, sobretudo, um agradecimento muito carinhoso e especial à equipe que trabalhou diretamente ligada à mim, da Coordenadoria de Extensão (2014-2020) – vocês foram inspiração e motivação desde que entrei na COEX. Tenho em vocês bons amigos, daqueles que desde já sinto saudades e que tenho desejo de sempre reencontrar: “coisa pra se guardar debaixo de sete chaves, dentro do coração” (Nascimento, 1979). Com vocês todos os desafios, profissionais e pessoais, que passamos ficaram mais leves e tiveram sentido. Minha gratidão por tudo que compartilhamos. Nos últimos 7 anos vocês foram minha família de escolha na UFPR: Muito obrigada!

Tenho que fazer um agradecimento destacado que é, ao mesmo tempo, a quem dedico este Memorial: Meu filho, Matheus, sua esposa Thais e minha neta Maria que fez 3 anos. Não há um dia sequer que eles não sejam lembrados por mim com uma saudade que às vezes me doi, às vezes me faz dançar e cantar ou tudo isso junto. Saudades é palavra e sentimento que por vezes, aprendi deixar me fazer adormecer, “ausência é uma estar em mim”<sup>7</sup> (Andrade, 1984, p. 21); minha companheira diária pois tenho um tanto dos batimentos de meu coração um pouco fora do peito, batendo em seres amados em lugares geográficos distantes de mim. Assim vivo como estrangeira amorosa, fazendo as pazes com a distância e com tudo que tão pouco sei ainda de mim. Mas Matheus, Thais e Maria são minhas raízes, onde quer que estejam, são seres que me fazem fechar os olhos em espécie de oração que faz reverência à vida com gratidão e que me fazem acreditar que tudo valeu a pena. Toda a família de Thais, que me considero parte, compõem com eles quem digo muito obrigada!

Para finalizar este Memorial percebo que tenho que parar de escrever e me lembro do que digo sempre aos meus orientados: há o momento em que se tenha que parar, porque nunca terminaremos uma escrita. Fico pensando no que ficou de fora e no que consegui reter em minha memória como ‘de dentro’. Ao final, vem uma alegria na certeza de que tudo valeu a pena. Nem a promessa, nem a verdade mas, confesso que vivi!

---

<sup>7</sup> Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

## Bibliografia

- Allouch, J. (2004). *Erótica do luto no tempo da morte seca*. (P. Abreu, Trad.) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Alves, R. (1992). *Conversas Com Quem Gosta de Ensinar*. Campinas, SP: Papirus.
- Andrade, C. D. (1984). *O Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Andresen, S. d. (23 de julho de 2020). *Escritas.org*. Obtido de <https://www.escritas.org/pt/t/1778/exilio>
- Ariès, P., & Duby, G. (1989). Volume 3: Da Renascença ao Século das Luzes. In R. Chantier, *História da Vida Privada* (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Assumpção, C. (1988). *Protesto: poemas* (2ª ed.). Franca, SP: UNESP.
- Attar, F. u.-D. (1987). *A Linguagem dos Pássaros*. (A. M. Rizek, Trad.) São Paulo: Attar Editorial.
- Barros, M. (2010). *Poesia Completa*. São Paulo: Leya.
- Bento, V. E. (outubro de 2000). *Centro de Estudos das Toxicomanias da UFPR Oferece Atendimento Gratuito*. Obtido de Boa Saúde: <https://www.boasaude.com.br/noticias/1400/centro-de-estudos-das-toxicomanias-da-ufpr-oferece-atendimento-gratuito.html>
- Bíblia, A. (2018b). *Gênesis* (15ª ed.). (CNBB, Ed., & C. N. (CNBB), Trad.) Brasília: Canção Nova.
- Bona, Z. d. (29 de maio de 2008). *Experiência de vida ajuda na hora de aceitar a morte*. Obtido de ASDL: <http://amigossolidariosnoluto.blogspot.com/2011/09/zelinda-de-bona-e-o-grupo-asdl-falar.html>
- Brasil. (2014). Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico] : Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados.
- Couto, M. (2007). *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Couto, M. (2007). *Terra Sonâmbula* (21ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- CreMASCO Grassi, M. V. (2004). *Psicopatologia e Difusão Erétil: a clínica psicanalítica do impotente*. São Paulo: Escuta.
- CreMASCO, M. V. (2007). Prefácio. In C. Brasil, *A Modernização da Música Primitiva* (pp. 13-19). Curitiba, PR: Gramofone.
- CreMASCO, M. V. (2010). Psicopatologia Fundamental e Psicanálise na UFPR: contribuições para um projeto curricular. In M. V. CreMASCO, & N. N. Pinheiro, *Contribuições de Freud à Arte e à Cultura* (pp. 101-114). Campinas, SP: Alinea.

- Creмасco, M. V. (2011). Um Corpo Trans(f)tornado: o traumático em transtornos alimentares femininos. In M. V. Creмасco, *O Sofrimento Humano em Perspectiva: enfoques psicológicos* (pp. 159-180). Curitiba, PR: CRV.
- Creмасco, M. V. (Dezembro de 2018). Quando a resiliência pode ser uma aposta para a psicanálise: ampliações clínicas do trauma e do luto. *Tempo Psicanalítico*, pp. 349-372.
- Creмасco, M. V., & Menz, D. M. (2019). *Formação em Políticas sobre Drogas*. Curitiba, PR: UFPR.
- Creмасco, M. V., Reimer, M., & Gorsdorf, d. V. (1º de março de 2020). *Fundamento para a minuta de creditação curricular da extensão na UFPR*. Obtido de Coordenadoria de Extensão da UFPR:  
<http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2019/fundamentacao%20da%20resolucao%20de%20creditaacao%20da%20extensao%20UFPR.pdf>
- Creмасco, M. V., Thielen, I. P., & Picanço, D. C. (1º de outubro de 2016). *Fundamentos para uma proposta de creditação curricular de extensão na UFPR*. Obtido de Coordenadoria de Extensão da UFPR:  
<http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/creditaacao/Fundamentos%20para%20Proposta%20de%20Resolucao%20na%20UFPR%202016.pdf>
- Dostoiévski, F. M. (1864/2009). *Memórias do Subsolo*. (B. Schnaiderman, Trad.) Portugal: Editora 34.
- Férenczi, S. (1985). *Journal clinique*. Paris: Payot.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. (M. T. Albuquerque, Trad.) Rio de Janeiro: Graal.
- Freitas, P. C. (2015). *Prometo Falhar*. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito.
- Freud, S. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância. In S. Freud, & J. Strachei (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XI, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1993). Metapsicologia. In S. Freud.
- Freud, S. (1917/1980). Conferência XXVIII – Terapia analítica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 523-539). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917/2010). Uma Dificuldade da Psicanálise. In S. Freud, & P. C. Souza (Ed.), *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, p. 186). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1919/1996). O Estranho. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Compeltas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1980/1937). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XXIII, p. 292). Rio de Janeiro: Imago.
- Galeano, E. (2019). Marias. In E. Galeano, *Mulheres* (E. N. Faraco, Trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Graúna, G. (23 de julho de 2020). *Cidade Verde*. Obtido de Janelas em rotação: <https://cidadeverde.com/janelasemrotacao/74757/graca-grauna-poemas>
- Handke, P. (1988). *Am Felsfenster Morgens. (und andere Ortszeiten 1982-1987)*. Alemanha: Suhrkamp.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo* (15ª ed., Vol. I). (M. d. Schuback, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Honeth, A. (2006). *La Societé du Mépris* (Olivier Voirol ed.). (P. R. Olivier Voirol, Trad.) Paris, França: La Decouverte.
- Hoshino, T. A. (2020). *NVerso*. Bragança Paulista, SP: Urutau.
- Kaur, R. (2017). *Outros jeitos de usar a boca*. São Paulo: Planeta.
- Kaur, R. (2019). *O que o sol faz com as flores* (13 ed.). (A. Guadalupe, Trad.) São Paulo: Planeta do Brasil.
- Lacan, J. (18 de março de 1959). Le désir et son interprétation. Paris, França.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lages, P. (2019). *Abuso sexual infantil através de gerações: herança mal dita*. Curitiba, PR: Juruá.
- Leminski, P. (2017). *Distraídos venceremos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lévi, P. (1955/1987). *A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987* (1ª ed.). (M. Belpoliti, Ed., & I. Benedetti, Trad.) São Paulo: Unesp.
- Lévi, P. (2013). *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1984). *A Hora da Estrela* (9ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lispector, C. (2020). Miopia progressiva. In C. Lispector, *Felicidade Clandestina* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Magalhães, D. (2018). *Quando o Céu Cair*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Mallard, S. D., & Cremasco, M. V. (jan-mar de 2015). Estrangeiridade e Vulnerabilidade Psíquica: Algumas Contribuições Psicanalíticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, pp. 125-132.
- Nascimento, F. B. (Compositor). (1979). Canção da América. [M. Nascimento, Artista]

- Neruda, P. (1978). *Confesso que Vivi - Memórias*. (O. Savary, Trad.) Rio de Janeiro: Difel - Difusão Editorial.
- Nunes, J. (13 de janeiro de 2020). *Como escreve Maria Virginia Filomena Cremasco*. Obtido de Como eu escrevo: <https://comoeuescrevo.com/maria-virginia-filomena-cremasco/>
- Owczarski, W., & Cremasco, M. V. (2015). *Solidarity, Memory and Identity*. Newcastle upon Tyne, England: Cambridge Scholars.
- Pequeno, T. (23 de julho de 2020). *Lista de Poesias*. Obtido de Palavra: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/sesc/site/palavra/poesia/listadepoesias/atianapequeno>
- Pessanha, J. G. (2018). *Recusa no não-lugar*. São Paulo: Ubu.
- Pessanha, J. G., & Pinto, M. d. (16 de abril de 2019). *Segundas Intenções*. Obtido de BVL: <https://bvl.org.br/segundas-intencoes-desvenda-a-vida-e-a-obra-de-juliano-garcia-pessanha/>
- Prado, A. (2002). Esperando Sarinha. In A. Prado, *O Coração Disparado*. São Paulo: Arx.
- Prado, A. (2012). *O Coração Disparado*. Rio de Janeiro: Record.
- Pucheu, A. (2013). *Mais Cotidiano que o Cotidiano*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.
- Rosa, G. (2009). *Ave, Palavra* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Seu Jorge, M. Y. (Compositor). (2002). A Carne Mais Barta do Mercado. [E. Soares, Artista] Rio de Janeiro, Brasil.
- Soboll, L. A., Cremasco, M. V., Freitas, J. d., & Stefanello, S. (20 de abril de 2020). *Projeto Você Importa da UFPR oferece acolhimento emocional durante pandemia*. Obtido de Portal UFPR: <https://www.ufpr.br/portalfpr/noticias/projeto-voce-importa-da-ufpr-oferece-acolhimento-emocional-durante-pandemia/>
- Sousa, E. L. (12 de 03 de 2011). Por uma cultura da utopia. *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, 12, pp. 111-122.
- Szyborska, W. (s.d.). *Autotomia*. Obtido em 09 de julho de 2020 de julho de 2020, de Inimigo Rumor: <https://www.7letras.com.br/inimigo-rumor-10.html>
- Vaucaire, M., & Dumont, C. (Compositores). (1960). Non je ne regrette rien. [E. Piaf, Artista] Paris, França.
- Veloso, C. V. (Compositor). (1982). Um Canto de Afoxé para o Bloco do Ilê. [C. Veloso, Artista] Salvador, Bahia.
- Vianna, H. (Compositor). (1989). Lanterna do Afogados. [H. Vianna, Artista]
- Winograd, M., & Cremasco, m. V. (2019). *O que Pode a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Blucher.

Wittgenstein, L. (2001). *Tractatus Logico-Philosophicus* (3ª ed.). São Paulo: EDUSP.

Wolf-Fédida, M. (2008). *Psychopathologie Fondamentale. Suivie abécédaire de Pierre Fédida*. Paris, França: MJW Fédition.

Yanomami, D. K. (10 de julho de 2020). *Povos Indígenas no Brasil*. Obtido de Survival:  
<https://www.survivalbrasil.org/povos/indios-brasileiros>